



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



## Desejo e violência

**Mario Fleig**

O direito ao gozo e a violência

**Jean-Pierre Lebrun**

O Outro, o ódio, a linguagem e a violência

**José Zuberma**

O parricídio no Dostoiévski de Freud. Uma leitura psicanalítica

**E mais:**

>> **Rosane de Abreu e Silva:**  
A violência é constitutiva  
do ser humano

>> **Etienne Higu**  
A contribuição da obra de  
Paul Tillich para o  
cristianismo, hoje

**298**

Ano IX

22.06.2009

ISSN 1981-8469

## Desejo e violência

O laço que une a violência com o direito universal ao desejo é o tema de capa da IHU On-Line desta semana. A presente edição constitui-se num importante subsídio para os debates do Colóquio Internacional **A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?** [*ne cède pas sur ton désir?*], que se realizará nos dias 14 e 15 de agosto de 2009, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em parceria com, entre outros, a Association Lacanienne Internationale – ALI, Escola de Estudos Psicanalíticos – EEP e o Laboratório de Filosofia e Psicanálise, do PPG em Filosofia da Unisinos.

Contribuem na discussão **Mario Fleig**, professor e pesquisador do PPG em Filosofia, da Unisinos, **José Zuberma**n, argentino, da Escola Freudiana de Buenos Aires – EFBA, **Ivan Correa**, do Centro de Estudos Freudianos do Recife (CEF), Pernambuco, **Rosane de Abreu e Silva**, da Escola de Estudos Psicanalíticos (EEP) de Porto Alegre, RS, **Margareth Kuhn Martta**, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), RS, **Conceição Fleig**, psicanalista e psicóloga gaúcha, e **Jean-Pierre Lebrun**, belga, da Associação Lacaniana Internacional.

Uma entrevista com **Etienne Higu**et, professor na Universidade Metodista de São Paulo, apresentando a contribuição da obra do teólogo protestante Paul Tillich para o cristianismo, hoje, completa esta edição.

A todas e todos um ótima leitura e uma excelente semana!



## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Mario Fleig: O direito ao gozo e a violência

PÁGINA 13 | Jean-Pierre Lebrun: O Outro, o ódio, a linguagem e a violência

PÁGINA 14 | José Zubermañ: O parricídio no Dostoiévski de Freud. Uma leitura psicanalítica

PÁGINA 18 | Ivan Correa: “A função da cultura é atenuar nossa violência e mantê-la sob controle”

PÁGINA 20 | Rosane de Abreu e Silva: A violência é constitutiva do ser humano e determina a sua subjetividade

PÁGINA 22 | Margareth Kuhn Martta: Angústia e violência: um paradoxo contemporâneo

PÁGINA 24 | Conceição Fleig: A angústia como fonte da delinquência juvenil

### B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 29 | Etienne A. Higuett: “O Ágape não pode ser vivido independentemente da libido, do eros e da filia”

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 36 | Francisco Mauro Salzano: Darwin revolucionou nossa visão cósmica

» IHU Repórter

PÁGINA 38 | Victor Hugo Valiati



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa



## O direito ao gozo e a violência

A evaporação dos lugares que demarcam obrigações e limites é marca de nosso tempo, e o gozo sem limite é seu corolário, com uma aspiração ao usufruto do neo-objeto. O esboroamento do lugar do Outro resulta na “paralisia do projeto coletivo ou o retorno à lei do mais forte”

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO DIVULGAÇÃO

**A** pós-modernidade vive uma crise de legitimidade da autoridade, e o lema da Revolução Francesa pode nos dar pistas para compreender a “crítica radical ao modelo ancorado na verticalidade, ou seja, na autoridade alocada na divindade, no rei no chefe, no pai”, frisa o filósofo e psicanalista Mario Fleig. Em entrevista à **IHU On-Line**, concedida por e-mail, ele acentua que tal crise de legitimidade da autoridade “tem como efeito a evaporação dos lugares que têm como função demarcar as obrigações e os limites para cada sujeito. Isso significa uma desagregação da lei simbólica, ou seja, os neo-sujeitos que se constituem na nova economia psíquica correlata da economia neoliberal se supõem desobrigados de qualquer limite e aspirados pelo ideal de gozar de tudo e a qualquer preço, sem limite”. Segundo ele, “o que dava consistência ao modelo tradicional era a suposição da existência de uma figura que sustentava a referência de um ponto fixo exógeno, que garantia a diferença de lugares”. O gozo sem limites como fonte de autoridade para um sujeito se expressa na “adição aos objetos”, e o que passa a “valer como comando e autoridade para o sujeito é o objeto revestido de valor”.

Mario Fleig é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos e em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia, pela UFRGS, doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e pós-doutor em Ética e Psicanálise, pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que medida o desejo e a felicidade como imperativos fundamentam a violência na pós-modernidade?**

**Mario Fleig -** A felicidade sempre foi e continua sendo a aspiração que determina a existência do homem ocidental, e talvez de qualquer ser humano, independente de sua cultura. Contudo, o ideal de felicidade se formula de maneiras muito diversas, e isso depende de cada cultura e seu sistema de crenças e representações. Temos indicações de que a modernidade, e sua radicalização no que se passou a denominar de pós-modernidade, se caracteriza pela implementação de mudanças radicais nos ordenadores sociais precedentes que definiam o que se denomina de modo genérico de modelo tradicional. Ora, sabemos que os ideais que predominam em uma cultura determinam os valores

prevalentes, tendo efeitos na organização da cultura e na estruturação das subjetividades. Assim, podemos supor que a modernidade e a pós-modernidade se caracterizam por mudanças radicais nos ideais partilhados, que por sua vez têm efeitos sociais e subjetivos marcantes.

Ora, o projeto de fazer uma sociedade orientada pela razão é o que caracteriza a modernidade. A razão se coloca em exercício essencialmente pelo caminho da crítica, de modo que os três grandes princípios ordenadores das sociedades não-modernas - hierarquia, tradição e holismo - foram postos abaixo. A difusão dos ideais da modernidade, firmando-se progressivamente pela crítica aos segmentos da sociedade tradicional, somando-se aos avanços das ciências modernas e os inventos tecnológicos decorrentes,

faz com que aumentem as fileiras de adeptos, cujo entusiasmo pelos novos ideais conflui na irrupção das diversas revoluções sociais que se dão até nossos dias, somadas às incessantes revoluções científicas e tecnológicas. Dentro da diversidade que caracteriza cada uma das revoluções sociais, poderíamos considerar que o lema central da Revolução Francesa, *liberdade, igualdade e fraternidade*, indica a crítica radical ao modelo ancorado na verticalidade, ou seja, na autoridade alocada na divindade, no rei, no chefe, no pai. Assim, na pós-modernidade podemos ver os limites extremos da crise legitimidade de qualquer instância que queira fazer o exercício de autoridade. A crise de legitimidade da autoridade tem como efeito a evaporação dos lugares que têm como função demarcar as obrigações e os li-



mites para cada sujeito. Isso significa uma desagregação da lei simbólica, ou seja, os neo-sujeitos que se constituem na nova economia psíquica correlata da economia neoliberal se supõem desobrigados de qualquer limite e aspirados pelo ideal de gozar de tudo e a qualquer preço, sem limite. Ser educado e subjetivado evitando qualquer interdição tende a produzir sujeitos incapazes de dialetizar o ódio que a introdução da cria humana na linguagem produz. Ao ser introduzido na fala, o sujeito é confrontado com a falta que a interação com o outro lhe apresenta, resultando no surgimento do ódio contra aquele que lhe impõe a falta e o limite. Falta que se apresenta na alteridade do semelhante e falta estruturalmente presente na própria linguagem. Ser introduzido no campo da linguagem e na função fala produz no cerne do faltante uma ferida incurável. Esta ferida é denominada por Freud<sup>1</sup> de desejo.

### Desejo e interdição imposta pela Lei

Ora, podemos atribuir a Freud a introdução na linguagem corrente de diversos termos, como recalque, desejo, complexo etc., que tendem então a perder sua conotação psicanalítica específica. O desejo, para Freud, diz

**“Por mais estranho que pareça, a psicanálise é uma ciência moderna que propõe a reintrodução do sujeito da enunciação no cerne de seu procedimento”**

respeito ao que está interdito e por isso mesmo tende a ser recalçado e perdura no sujeito de modo inconsciente. Assim, o desejo se estrutura a partir da interdição imposta pela Lei, ou seja, a interdição indica para o sujeito que algo lhe falta e ao qual não poderá ter acesso. Deste modo, o desejo radical é sempre em vão e contudo não deixa de pulsar no sujeito, ou seja, o desejo inconsciente é indestrutível. O que se passa com o desejo na nova economia psíquica próprio do neo-sujeito? Podemos observar uma tendência em se produzir uma equiparação entre a vontade de tudo gozar e o que passa então a ser denominado de desejo, de modo que o desejo como relativo ao impossível que se apresentaria como interdito se transmuta em desejo do que não pode ser negado. Esta equiparação se soma à equivalência que a economia de consumo induz ao consumidor entre o objeto de consumo e o suposto objeto de desejo. Deste modo, o neo-sujeito não suporta desejar em vão, mas tem uma vontade de vontade de tudo querer gozar, sem que nenhuma impossibilidade se interponha, de modo incessante e imediato.

### Direito ao gozo

Assim, atribuímos aos novos imperativos que caracterizam a nova economia psíquica traços que especificam a violência em nossos dias. Encontramos na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, de 1793, nos ideais da revolução, introduzidos na figura do direito do cidadão, uma nova posição a respeito do usufruto dos di-

reitos, isto é, há um deslocamento na posição do sujeito quanto ao gozo em relação à sociedade anterior, ao antigo regime. Segundo esta *Declaração*, as únicas causas das desgraças do mundo são o esquecimento e o desprezo dos direitos naturais do homem. Com isto fica demarcado que a pretensão da declaração dos direitos do homem e do cidadão tem como finalidade pôr fim à infelicidade humana. O primeiro passo de tal empreendimento é, segundo o “Art. 1º. – A meta da sociedade é a felicidade comum. O governo é instituído para garantir ao homem o gozo de seus direitos naturais e imprescritíveis”. Esta garantia fundamental para a consecução do gozo dos direitos de cada um é complementada no “Art. 23 – A garantia social consiste na ação de todos para assegurar a cada um o gozo e a conservação de seus direitos: esta garantia repousa sobre a soberania nacional”.

Podemos ler os ideais revolucionários da consecução da “felicidade comum” através do acesso ao “gozo de seus direitos naturais e imprescritíveis”, garantidos pelo governo na perspectiva de que aqui se encontra implicitamente a afirmação irrestrita do direito ao gozo que diz respeito a cada um. É esta suposição que passa a reordenar os ideais da cultura moderna e pós-moderna que situa o sujeito na posição de reivindicante: cada um de nós, tomado na suposição de um direito ao gozo prometido pelo gozo do direito, passa a exigir-se e exigir do social o gozo que cabe a cada um na vida, e ainda por acréscimo, um gozo suposto e almejado sem falhas. É o ideal máximo de nossa cultura: realizar neste mundo aquilo que era anteriormente apenas uma promessa para a outra vida.

A afirmação generalizada do direito ao gozo, na forma como é veiculada em nossa cultura, determina consequências subjetivas e culturais de amplo alcance. Podemos ver estas consequências no modo como alguém responde às perguntas referenciais da vida, relativas ao que seja a honra e a dignidade, ou seja, o que seja uma vida realizada. Em outras palavras, a supressão da distância entre o gozo e

1 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158345628.45pdf.pdf>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1165256946.3pdf.pdf>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1184009791.53pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

o desejo pela progressiva supressão de qualquer forma de proibição, somada à destituição da legitimidade das instâncias de poder, se coadunam com um deslocamento radical da autoridade, ou seja, dos ideais. Se o ideal de gozar aqui e agora, a qualquer preço e sem limite se torna a fonte de autoridade para um sujeito, vemos que se opera uma substituição da autoridade tradicional (o pai, o rei, Deus, a Lei) pela autoridade anônima alocada no objeto que faz gozar. Dentro desta lógica, podemos compreender por que a adição aos objetos que produzem gozo tende a se generalizar e dominar o mercado de consumo.

### Violência estrutural

Neste contexto, podemos supor que as novas formas de violências específicas da pós-modernidade seriam um efeito tardio e inesperado da Modernidade, visto que impediria que a violência estrutural, o ódio própria da condição humana, pudesse ser dialetizada, levando os sujeitos e os grupos a abandonarem o campo da fala e da linguagem, em troca da imersão no imediato e no instantâneo. A sustentação de tal hipótese implica: afirmar a tese da existência de uma violência estrutural da condição humana, que se apresenta nos sujeitos e nos grupos por meio da diferença simbólica entre gerações e lugares ocupados, sendo a autoridade simbólica o reconhecimento desta diferença. A subversão e deslegitimação do lugar simbólico da autoridade, decorrente da confusão entre o ideal democrático e o que se pode denominar de democratismo, impede, por não ter mais a quem endereçar a violência, o conflito que permitiria a dialetização da violência estrutural (equivalente à pulsão de morte freudiana), destinando a geração jovem a abandonar o exercício do aprendizado do limite. Em lugar do embate com a geração precedente, engendra-se uma violência suplementar, que especifica aquela que encontramos hoje.

**IHU On-Line - Por que a promessa de felicidade da pós-modernidade coincide com o desaparecimento do lei,**

### daquilo que fundamenta o limite?

**Mario Fleig** - A promessa de felicidade da pós-modernidade acena com o gozo imediato e sem falhas, seguindo os ditames da lógica infernal imposta pelo imperativo de gozar a qualquer preço e sem limite. Este imperativo, ordenador de uma nova economia psíquica em consonância com a lógica da economia neoliberal, se coaduna com a grande confusão entre a crítica moderna ao modelo patriarcal e a destruição do lugar de autoridade. Em outras palavras, a crítica e destruição do modelo que legitimava a autoridade patriarcal, que se impunha de modo vertical, e sua substituição pelo modelo horizontal, avesso a qualquer dessimetria de lugares e poderes, resultou em uma confusão entre a autoridade patriar-

**“Para habitar o mundo mediatizado pelas palavras, o sujeito teve de consentir em perder o gozo imediato das coisas. Paradoxalmente, a natureza do homem é, então, ter perdido o natural”**

cal, ancorada na equiparação entre o lugar de autoridade e seu ocupante, e a autoridade resultante do próprio exercício da fala e da linguagem. Ou seja, a confusão entre a transcendência patriarcal e a transcendência que se impõe a partir das leis da linguagem se configura em uma confusão entre democratismo e democracia. A crítica ao modelo patriarcal, benefício maior do modelo crítico introduzido pela Modernidade, não pode coincidir com a destruição do lugar de autoridade.

### Crise da lei simbólica

Aqui, poderíamos multiplicar os

exemplos de valores até há pouco unanimemente reconhecidos e agora profundamente subvertidos em consequência do abandono da referência transcendente. O que não está mais à disposição é uma legitimidade que reconheceria a prevalência de tal ou tal ponto de vista. Isso indica que, além da crise ou da ausência de referências, é a legitimidade da própria referência que se tornou inacessível. Esta crise de legitimidade do lugar de autoridade e de poder leva a uma crise da lei simbólica, que se ancorava no efetivo exercício da fala e da linguagem. O que pode autorizar alguém, uma fala que tenha função de estabelecer uma proibição? Já não sabemos, e até uma nova lei, sancionada em todas as instâncias reconhecidas, precisa aguardar o consentimento daqueles que a ela estão submetidos, para então sabermos se ela terá legitimidade, ou não.

O que dava consistência ao modelo tradicional era a suposição da existência de uma figura que sustentava a referência de um ponto fixo exógeno, que garantia a diferença de lugares. Ou seja, uma figura indicava o lugar de exceção, constituindo-se o fundamento de legitimidade das instâncias que estabeleciam o limite, que assim sempre se impunha de modo heterônimo. Ora, o desaparecimento do lugar de exterioridade legitimado pela transcendência – como ele o era no que se chama sociedade religiosa – leva a espontaneamente acreditar que é possível nos desembaraçar de qualquer diferença de lugares e então recusar qualquer prevalência que não seja aquela que se mantém por minha única e exclusiva decisão. Ora, pelo fato do estabelecimento de uma norma necessária para qualquer vida social, um lugar diferente se reorganiza imediatamente. Lugar diferente imanente, sem dúvida, mas ainda assim lugar diferente. Mas, na falta desse discernimento, nessa passagem de uma transcendência a uma imanência, é a legitimidade de ocupar um lugar qualquer diferente que está invalidada, isso acarretando na geração seguinte a erosão do processo pelo qual se transmite o consentimento à existência da diferença de lugares. E,

se tal é o caso, compreende-se que isso torna tanto mais difícil o alcance de uma norma comum imanente, visto que essa última, não podendo se apoiar na legitimidade de uma autoridade transcendente, tem necessidade de um reconhecimento unânime para poder funcionar. Isso não pode então ter outro efeito senão um embalo no qual a legitimidade em ocupar um lugar diferente – de fato, a autoridade – é cada vez mais colocada em situação difícil.

### Poder do objeto como nova forma de autoridade

Ora, a erosão da legitimidade do lugar do pai, lugar terceiro e exógeno à relação imediata entre a criança e sua mãe, corroborada pelo funcionamento do discurso da ciência que se legitima na pura racionalidade do encaideamento de enunciados sem sujeito, tem como efeito social e subjetivo a instauração de outra forma de autoridade, alocada então no poder do objeto. O que então passa a valer como comando e autoridade para o sujeito é o objeto revestido de valor. Sabemos que o objeto específico da Modernidade é aquele resultante da unificação do campo dos entes, cujo resultado é o objeto passível de medição e acúmulo. Este novo objeto tem como propriedade maior seu caráter de infinitização, ou seja, ele é destituído de limite. Assim, o que passa a comandar a todos nós, sujeitos pós-modernos, é a aspiração ao usufruto do neo-objeto. Ele nos comanda a aspirar ao gozo sem limite e a qualquer preço. Contudo, em algum lugar encontraremos o limite, nem que seja o choque que se produz no encontro com o outro. Atualmente, este choque faz com que se ouça um som parecido com “crack”. O efeito em geral é rapidamente visível: o consumidor não mais consegue deixar de obedecer ao comando da nova autoridade, impessoal, muda e repetitiva, na busca de manter um gozo ininterrupto. A entrada no contínuo deste gozo se chama morte, efeito maior da violência específica da nova felicidade. A única lei que impera é a afirmação de que não há Lei.

“Todos sabemos o que pode acontecer se um sujeito que se bate e bate nos outros e nos objetos tiver à sua disposição substâncias que o turbinam e uma arma de repetição”

### IHU On-Line - Por que a concepção de gozar sem limite se transforma em violência?

**Mario Fleig** - Atualmente, se multiplicam os relatos de usuários de crack que começam a fumar uma pedra atrás da outra e quando o estoque se esgota vão em busca de mais, passando por cima de qualquer obstáculo que se interponha à retomada do estado de euforia almejado. É certo que a remoção dos obstáculos não se fará sem uma violência desmedida e insana. Não há mais medida que possa conter a busca do paraíso alucinado. O bem ou o belo são completamente incapazes de constituir alguma barreira ao desvario em que se precipita o sujeito. Caso ele não seja contido física ou quimicamente, derradeira barreira será o gozo perpétuo que a morte lhe concederá. Assim, a violência, que atinge de modo brutal os objetos e os semelhantes, revelará seu alvo principal: violência contra si mesmo.

Em decorrência das consequências devastadoras do gozo sem limite, torna-se relevante a investigação dos modos de produção de limite para um grupo humano e para um sujeito. Lacan<sup>2</sup> reconheceu a tese freudiana do

<sup>2</sup> Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista IHU On-Line, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1217878435.7423pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

declínio da função paterna em nossa cultura como correlativa ao surgimento do mal-estar na civilização. Quando a referência à instância terceira (representada pelo Pai e seus correlatos) deixa de ter prevalência, surgem as condições para o aparecimento, tanto da desagregação do tecido social quanto da desestrutura psíquica. Em seu lugar, podemos ver o surgimento de uma nova economia psíquica, na qual ocorre um deslocamento do lugar da autoridade. Se antes ela estava localizada nos representantes do pai, agora cada vez mais quem passa a comandar os sujeitos é o objeto a ser consumido.

### Novas patologias

As novas patologias tomam diferentes direções, dentre as quais ressaltamos duas: a primeira diz respeito à facilitação para o surgimento de irrupções de paranóia social e individual, correlativas ao enfraquecimento dos operadores da função do terceiro. Dito de outro modo, presenciamos um incremento de relações duais, sem a intermediação do terceiro simbólico, ou seja, dispensando a mediação da lei. O efeito imediato da paranóia, tanto social quanto individual, é a instalação da relação “ou eu, ou ele”, ou seja, o conflito e jogo de forças feito diretamente com o semelhante, sem nenhuma possibilidade de haver o recurso a uma instância mediadora, enfim, sem nenhuma lei possível, a não ser a força na forma da violência. O sujeito se encontra à mercê do arbítrio da força do semelhante. A segunda aparece no incremento dos laços sociais organizados em torno da instrumentalização do outro, cujo modo mais flagrante na atualidade se constata na organização das trocas econômicas, regidas pela “lei de sempre levar vantagem”, deflagrador, provavelmente, da espiral da corrupção. Essa forma de patologia psíquica já havia sido descrita por Freud com a denominação de perversão.

### IHU On-Line - A morte seria o único interposto nessa relação de desejo e violência? Por quê?

**Mario Fleig** - A relação com o pai,

sua função nomeante, é essencial, na perspectiva psicanalítica, para aprendermos que a fisiologia do desejo humano é feita de modo que uma renúncia ao gozo imediato e absoluto é necessária para poder desejar. O sujeito deve consentir em perder o gozo do objeto inteiramente satisfatório, metaforizado pela mãe. É em função da proibição do incesto que se organiza o que Lacan denomina *o caráter fundamentalmente decepcionante da ordem simbólica*. Deste modo, o pai se apresenta como aquele que ordenará essa renúncia ao gozo desmedido e absoluto, na medida em que ele está em jogo apenas como representante da Lei da linguagem. É a linguagem e suas leis que tornam o incesto impossível. Para habitar o mundo mediatisado pelas palavras, o sujeito teve de consentir em perder o gozo imediato das coisas. Paradoxalmente, a natureza do homem é, então, ter perdido o natural. O uso da linguagem indica a necessária passagem pela alteridade para constituir a subjetividade, o que implica a diferença e disparidade entre os sexos. Não há um sexo sem o outro, e consentir com a impossibilidade de haver apenas um sexo ou haver paridade absoluta com o outro constitui o suporte do estabelecimento do limite, ou seja, que se constitua borda em torno da falta estruturante do desejo. Em outras palavras, a identidade humana é inteiramente construída na alteridade.

### Subjetividades inacabadas

Ora, quando o bom funcionamento da linguagem falha, e o consentimento em se submeter à perda que falar implica é recusado, temos o aparecimento de subjetividades inacabadas, que não puderam se confrontar com o limite que a consistência da alteridade impõe. Estes sujeitos ou neo-sujeitos tenderão a buscar o limite em um sistema aberto, ou seja, sem o auxílio da alteridade que venha sinalizar o ponto do limite. Além disso, tomados na aspiração de gozar sem limite, encontrarão o limite demarcado pelo impossível radical: a morte. Antes disso, encontramos os equivalentes da

“A produção característica do sistema nazista foi o campo de concentração, imposição de uma ordem de ferro, que não deve ser considerada uma anomalia do passado, mas antes como a matriz do espaço político no qual ainda vivemos”

morte em formas de se bater, bater no outro, bater nos objetos, descontrole corporal etc. Estas formas vão desde a hiperatividade infantil (que pode ser uma forma de depressão infantil), denominada de Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), até o descontrole adolescente que se evidencia em forma de bater e se bater. Acresce-se a isso a potencialização desta vontade sem limite pelos meios tecnológicos que torna a aspiração à morte ainda mais violenta. Todos sabemos o que pode acontecer se um sujeito que se bate e bate nos outros e nos objetos tiver à sua disposição substâncias que o turbinam e uma arma de repetição.

### IHU On-Line - Em que medida a crise de legitimidade apontada por Arendt e Habermas<sup>3</sup> explica a irrupção da

<sup>3</sup> Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confirma no site do IHU, ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), nas Notícias do dia, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade

### violência em nossa época?

**Mario Fleig** - A crise de legitimidade apresenta, por exemplo, efeitos deletérios no cotidiano da vida coletiva quando o funcionamento não se ancora no estabelecimento da diferença dos lugares e não mais implica no reconhecimento espontâneo, por todos, da prevalência de um desses lugares sobre os outros. A diluição da legitimidade de um lugar diferente dos outros, que garanta a legitimidade e a autoridade de quem o ocupe, tem como resultado a paralisia do projeto coletivo ou o retorno à lei do mais forte.

Hannah Arendt<sup>4</sup> caracterizou a crise de legitimidade como sendo a condição de vida em um domínio político sem a autoridade nem o saber concomitante de que a fonte da autoridade transcende o poder e aqueles que estão no poder se encontram novamente confrontado, sem a confiança religiosa em uma origem sagrada, nem a proteção de normas de conduta tradicionais, com os problemas elementares do convívio dos homens.

Frente ao dilema gerado pela crise de legitimidade, alguns almejam o retorno à autoridade de ontem, e até mesmo preconizam o estabelecimento de uma autoridade forte, o passo será tanto mais rapidamente transposto que aquele que sofre da falta

de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém – Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas. 2004) e *O sistema totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, ambas disponíveis para download no sítio do IHU, ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Nas Notícias diárias de 01-12-2006, pode-se conferir a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny para nosso sítio. (Nota da IHU On-Line)

de reconhecimento compartilha espontaneamente a ideologia ambiente da exigência de paridade democrática e, não vê, por conseguinte, nenhuma correlação entre a diluição da autoridade e o mal-estar de que é o objeto.

Arendt examina a questão no caso exemplar do sistema totalitário, como foi o sistema nazista, no qual o sujeito se encontra em dificuldade pelo fato do desaparecimento do que funda a legitimidade, ou seja, a terceiridade. Para ela, o regime totalitário explodiu a própria alternativa sobre a qual repousava todas as definições da essência dos regimes na filosofia política: a alternativa entre regimes sem leis e regimes submetidos a leis, entre poder legítimo e poder arbitrário. Com o regime totalitário, estamos em presença de um gênero de regime totalmente diferente, pois ele desafia todas as leis positivas, visto que jamais opera sem ter a lei por guia e também não é arbitrário, pois pretende obedecer rigorosamente e sem equívoco a essas leis da Natureza e da História, das quais todas as leis positivas sempre supostamente se originaram. Não podemos aqui discutir o alcance da proposta de Arendt, que nos indica que o sistema totalitário é aquele que teria substituído a evaporação da autoridade, ou seja, o desaparecimento da legitimidade do terceiro. A produção característica do sistema nazista foi o campo de concentração, imposição de uma ordem de ferro, que não deve ser considerada uma anomalia do passado, mas antes como a matriz do espaço político no qual ainda vivemos.

**IHU On-Line - As figuras de autoridade foram destruídas na pós-modernidade, mas o lugar por elas ocupado continua a existir. Como é possível operar esses lugares?**

**Mario Fleig** - Somos tomados em uma confusão entre a crítica radical ao autoritarismo e ao modelo patriarcal e a suposição de que teria havido a destruição do lugar de exceção que legitima o exercício da autoridade e do poder, ou seja, a suposição de que estaríamos liberados da referência paterna. Ligado a isso, também ocorre uma recusa de que estejamos submetidos à linguagem e ao fato que o objeto capaz de causar o nos-

**“O que sabemos é que o não reconhecimento do lugar de exceção e a autoridade de quem o ocupa tende a gerar uma grande confusão no convívio humano, que não pode ser bem resolvido pelo consenso ou pelo contrato”**

so desejo e satisfazê-lo seja um objeto radicalmente perdido. Ora, a disparidade de lugares se impõe pelas leis da própria linguagem. Quando alguém toma a palavra e a sustenta, produz-se uma disparidade entre aquele que fala e aquele que ouve. Contudo, o lugar prevalente não está colado ao falante, visto que no momento seguinte ele pode ceder este lugar para outro e vice-versa. O que sabemos é que o não reconhecimento do lugar de exceção e a autoridade de quem o ocupa tende a gerar uma grande confusão no convívio humano, que não pode ser bem resolvido pelo consenso ou pelo contrato. O problema que enfrentamos hoje na vida com os outros é que solução encontrar que não seja o restabelecimento da autoridade de ontem, mas que, ao contrário, reconheça a diferença dos lugares e a prevalência do lugar de exceção, e não recuse o impossível a que este nos permite – mas, também, nos intima – a nos confrontar.

Lacan, em sua interrogação sobre o que seria uma ética da psicanálise, afirmou em 1965, em seu seminário *Os problemas cruciais para a psicanálise*, que “ser psicanalista é uma posição responsável, a mais responsável de todas, pois que ele é aquele a quem está confiada a operação de uma conversão ética radical, aquela que introduz o sujeito na ordem do desejo”. Portanto, é para a responsabilidade de um novo *convívio entre os homens* que estamos sendo convocados.

**IHU On-Line - Por que não há suficiente endereçamento do ódio que se produz ao terceiro? O que quer dizer quando afirma que esse ódio não é dialetizado?**

**Mario Fleig** - Freud postulou que o amor e o ódio são dois integrantes fundamentais da formação psíquica de cada sujeito, sendo que o segundo tende a não ser reconhecido ou até mesmo posto para baixo do tapete, além de ser mais primitivo do que o amor.

Jean-Pierre Lebrun,<sup>5</sup> em *O futuro do ódio* (Porto Alegre: CMC, 2008), retoma a questão do ódio em razão da afirmação de Freud de que o ódio seria mais originário do que o amor. Lacan esclarece que o motivo fundamental dessa precedência deve-se ao fato que o ódio é sempre primeiramente o ódio contra o Simbólico, que se instaura com um furo na consistência narcísica, ou seja, ele se produz a partir da introdução da criança na fala e na linguagem. Assim, o ódio se endereça em primeiro lugar contra aquele que ocupa o lugar de terceiro, ou seja, o pai. Se hoje assistimos à evaporação da legitimidade do lugar de autoridade e igualmente de seu ocupante, o ódio tende a se tornar impessoal e sem endereçamento, o que impede que ele possa sofrer uma adequada elaboração e ser sublimado. Pelo contrário, ele tende a perdurar em estado bruto, irrompendo ao menor sinal de oposição ou limitação, na forma de desmedida violência.

**IHU On-Line - Em que aspectos podemos dizer que o discurso da ciência é um dos fatores que sedimenta a impessoalização da fala e, por conseguinte, da desresponsabilização do sujeito?**

**Mario Fleig** - Quando consideramos os efeitos sociais e psíquicos da ciência moderna passamos do campo da epistemologia das ciências para o âmbito do laço social e da vida cotidiana, no que então denominamos, seguindo Saussure<sup>6</sup> e Lacan, de discurso. Discurso, nes-

<sup>5</sup> Jean-Pierre Lebrun: médico psiquiatra e psicanalista belga. É membro da Associação Freudiana da Bélgica. Lebrun discute questões atuais como a possibilidade de um inconsciente cada vez mais coletivo e de um espaço privado cada vez mais público, onde afetos e representações são cada vez mais socializados. Confira nesta edição uma entrevista exclusiva com ele. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Ferdinand de Saussure (1857-1913): linguis-

te sentido específico, se refere àquilo que constitui laço com o outro, ou seja, o que permite estabelecer relação com o semelhante e permite inscrever subjetiva e socialmente as interdições e as impossibilidades. A linguagem da ciência é imprópria para tal função, visto que de saída, especialmente a linguagem da ciência moderna, requer a forclusão do sujeito da enunciação, buscando-se então o encadeamento de enunciados acéfalos e rigorosamente justificados. A ciência moderna, com base na invenção do genérico realizada por Sócrates,<sup>7</sup> se ancora na redução da totalidade dos entes diversos ao objeto unificado como *res extensa*, que assim se torna apto para que seja feita a matematização da natureza. A mensuração do ente dispensa, de saída, o lugar e a função do sujeito implicado em cada enunciado.

Mas, então, como se poderia falar de “discurso da ciência”, visto que a linguagem científica não faz laço social? Parece contraditório, contudo a denominação “discurso da ciência” faz referência aos efeitos da linguagem científica na vida cotidiana. Podemos dizer que a linguagem objetiva da ciência moderna tende a invadir e colonizar o mundo vivido. O efeito mais surpreendente da entrada das linguagens formais na vida cotidiana é a expansão dos entendimentos da vida a partir de linguagem impessoais, ou seja, conjunto de enunciados sem sujeito e que dispensam a função nomeante do pai (a autoridade de quem ocupa um lugar de exceção), ao mesmo tempo em que promovem a anulação da responsabilização do sujeito que ali estaria implicado. A responsabilidade passa a ser do sistema, mas, como este é acéfalo, não há mais ninguém a quem imputar a responsabilidade. Não temos mais chefes, mas apenas gestores.

Em contrapartida, temos de reconhecer que, nas práticas sociais vigentes na

ta suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que compõem a linguística do século XX. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Sócrates (470 a. C.-399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da IHU On-Line)

Modernidade, sempre foram as grandes tradições religiosas que mantiveram o exercício da fala engajada, apostando no compromisso da palavra empenhada. E é precisamente desse elemento nada científico dessas tradições que Freud faz uso em sua descoberta. Por isso, podemos afirmar que Freud, como o reconhece Lacan, reintroduz no campo da ciência o sujeito da enunciação, que dali havia sido banido.

**IHU On-Line - E por que os enunciados da ciência não produzem laço social?**

**Mario Fleig** - Como já adiantei acima, posso dizer em outras palavras que oferecer um presente para a pessoa amada, por exemplo, utilizando termos científicos, resultará em uma impossibilidade de constituir um signo de amor. Se oferecer cravos vermelhos à minha amada e lhe digo para receber o vegetal de tal espécie, certamente que causarei

**“Por estranho que  
pareça, a psicanálise é  
uma ciência moderna  
que propõe a  
reintrodução do sujeito  
da enunciação no cerne  
de seu procedimento”**

um espanto. Lacan introduz a distinção entre a função do pai como nomeante e o “nomear para”, salientando que o Nome-do-Pai está diretamente ligado ao amor, ao passo que o “nomear para” tem a função de estabelecer a ligação entre enunciados. O discurso da ciência encontra seu efeito maior naquilo que Lacan denomina de discurso do capitalismo, cujo operador maior é o dinheiro, o objeto mais unificado que conhecemos e que funcionam na mais completa forclusão do sujeito. O dinheiro circula de modo a apagar todos os vestígios do sujeito que ela pudesse estar. Acontece de às vezes recebermos notas de dinheiro

com as marcas de usuários precedentes, mas que não fazem diferença alguma. Podemos evocar que Lacan afirma, em *O saber do psicanalista*, que “todo discurso que se aparenta com o capitalismo deixa de lado o que nós denominaremos simplesmente as coisas do amor”,<sup>8</sup>

O neoliberalismo, com seus corolários de globalização e de promessa de gozo sem limites e para todos, produz efeitos na própria economia e igualmente efeitos subjetivos importantes. Na realidade, se trata de mutações nas formas de trocas entre os seres humanos. Ora, desde sempre sabemos que aquilo que organiza o social, e, dentro deste, os sujeitos, é o sistema de trocas, que nunca se restringe apenas às trocas de bens, ou seja, as trocas econômicas. Classicamente, como nos ensinaram os sociólogos e antropólogos, os povos se organizam em torno de três formas relacionadas de trocas: troca de bens (economia), trocas de mulheres (relações de parentesco) e troca de palavras (lei simbólica). Podemos supor que a primazia da troca de bens, desconectada das duas outras, produz efeitos desorganizadores dos discursos sociais, ou seja, provoca patologias no laço social, com efeitos psíquicos salientes. Em razão disso, podemos levantar a hipótese de que a condição pós-moderna tem uma nova economia psíquica correlata, que poderia ser caracterizada em uma frase: o imperativo de gozar a qualquer preço, não importa qual, mesmo que seja ao preço do outro.

**Reintrodução do sujeito na ciência moderna**

Freud contribui e acompanhou de perto o surgimento de quatro grandes inovações do final do século XIX: a descoberta do poder anestésico da cocaína, precursor dos psicofármacos; o nascimento da neurologia; o uso científico do poder da sugestão; e o tratamento psicanalítico. Ele abandonou a cocaína pelo amor (casou-se com Martha), deixando os méritos das descobertas subsequentes para seus colegas; tomou progressiva distância

<sup>8</sup> LACAN, J. *Le savoir du psychanalyste*: Séminaire 1971-1972. Paris: AFI, 1999. Sessão de 6 jan. 1972, p. 49. (Nota do entrevistado)

“A responsabilidade passa a ser do sistema, mas, como este é acéfalo, não há mais ninguém a quem imputar a responsabilidade. Não temos mais chefes, mas apenas gestores”

da neurologia (nunca quis retomar seu importante esboço escrito no final de 1895 – *Projeto para uma psicologia científica*); abandonou o uso da hipnose como técnica de tratamento psíquico (Freud teria feito fortuna se tivesse se dedicado a elaborar uma psicologia de autoajuda, visto que chegou a decifrar a lógica da sugestão); em contrapartida, dedicou-se ao mais demorado e mais difícil: o tratamento pela fala do analisante. Esta escolha de Freud indica que nunca aceitou submeter-se às leis locais (esta seria a posição tomada pelo nazismo, que obedecia apenas às leis da raça pura, recusando qualquer princípio do direito situado acima de cada povo), o que seria cair em uma posição antropocêntrica (entendida aqui pelo princípio de que o homem seria a medida de todas as coisas, das que são enquanto são, e das que não são enquanto não são, como enunciou Protágoras).<sup>9</sup> Pelo contrário, requerer a mediação da fala na relação com o semelhante é contar com a operação da lei organizada a circulação e a troca. Assim poderíamos interpretar a postulação de Freud de que todos os problemas dos seres humanos têm uma relação com o pai. Isso não impedia Freud de ser uma crítica contundente das religiões.

Talvez Lacan tenha nos ajudado a esclarecer esta questão, lembrando que a crítica freudiana se endereça à religião, não tendo efetivamente se ocupado da teologia. Uma das formulações originais de Lacan é a categoria

<sup>9</sup> Protágoras de Abdera (480 a. C. - 410 a. C.): filósofo nascido em Abdera, foi quem cunhou a frase “o homem é a medida de todas as coisas”, tendo como base para isso o pensamento de Heráclito. Assim como Sócrates, Protágoras foi acusado de ateísmo (tendo inclusive livros seus queimados em praça pública), motivo pelo qual fugiu de Atenas, estabelecendo-se na Sicília, onde morreu aos setenta anos. Um dos diálogos platônicos tem como título Protágoras, onde é exposto um diálogo de Sócrates com o Sofista. (Nota da IHU On-Line)

do Outro, que designa um lugar vazio, mas também potencialmente todo elemento da linguagem que possa se inserir na enunciação e dar a ouvir o que diz respeito a uma outra coisa, ao inconsciente. Ora, isso é uma leitura da estrutura formal da mais genuína teologia trinitária de Santo Agostinho. A psicanálise freudiana, calcada na ciência moderna, promove a crítica desta, na medida que ela opera a exclusão do sujeito da enunciação de seu campo (a subjetividade perturba o bom funcionamento da ciência). Por mais estranho que pareça, a psicanálise é uma ciência moderna que propõe a reintrodução do sujeito da enunciação no cerne de seu procedimento.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Mario Fleig.

#### Entrevistas:

\* *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família.* IHU On-Line número 150, de 08-08-2005, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158349466.22word.doc>;

\* *Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização.* IHU On-Line número 179, de 08-05-2006, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158353711.51word.doc>;

\* *O declínio da responsabilidade.* IHU On-Line número 185, de 19-06-2006, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158351893.95word.doc>;

\* *O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral.* IHU On-Line número 220, de 21-05-2007, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=407](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=407);

\* *“Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”.* IHU On-Line número 265, de 21-07-2008, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1174](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1174);

\* *Não cedas do teu desejo: é preciso sustentar-mos o que falamos com voz própria.* IHU On-Line número 295, de 01-06-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_destaque\\_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1645&idedit=7](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1645&idedit=7).

PARTICIPE DO COLÓQUIO INTERNACIONAL A ÉTICA DA PSICANÁLISE: LACAN ESTARIA

JUSTIFICADO EM DIZER “NÃO CEDAS DE TEU DESEJO”? [NE CÈDE PAS SUR TON

DÉSIR]? INSCRIÇÕES ABERTAS NO SITE WWW.UNISINOS.BR/IHU.

## O Outro, o ódio, a linguagem e a violência

Para o psicanalista Jean-Pierre Lebrun, desfrutar do ódio é encontrar uma satisfação no fato de “entretê-lo e sustentá-lo”

POR MÁRCIA JUNGES

“**Q**ue futuro há para os ódios, se os mecanismos pelos quais nós os constrangemos a se transformarem em outra coisa que não seja a destruição, se encontram em dificuldade?. A resposta é simples – ainda mais violência!”, afirma Jean-Pierre Lebrun, em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. “O ódio é em si inerente à psique!”, constata o psiquiatra belga. “Mas o gozo do ódio – continua – é da responsabilidade do indivíduo!” Segundo ele, “odiar é um fato, mas desfrutar seu ódio é, por exemplo, encontrar uma satisfação no fato de entretê-lo e sustentá-lo, o que não é a mesma coisa!”.

Jean-Pierre Lebrun, médico, psicanalista e psiquiatra, nasceu na Bélgica, onde formou-se em Medicina Psiquiátrica. Atualmente, é membro da Associação Freudiana da Bélgica, que reúne os membros daquele país com os da Associação Freudiana, criada por Charles Melman na França. Também é membro da Associação Lacaniana Internacional. É autor de *Um mundo sem limites* (Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004), de uma entrevista em parceria com Charles Melman, intitulada *O homem sem gravidade e Perversão comum – Viver juntos sem outro*, também publicados pela Companhia de Freud. Com André Wenin escreveu *Des lois pour être humain* (Paris: Erès, 2008). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que sentido o encontro com o Outro é sempre violento?**

**Jean-Pierre Lebrun** - O encontro com o Outro da linguagem é sempre “traumático”, já que ele constrange a passar da continuidade sensível à descontinuidade significativa. Exige, portanto, uma perda, implica uma impossibilidade de dizer, adequadamente e totalmente, condições que só podem ser percebidas como constrangimentos violentos. Mas trata-se de uma violência salutar, de um traumatismo não traumatizante, simplesmente porque o ganho que será obtido – o uso da palavra – é bem superior à perda exigida.

**IHU On-Line - Por que o ódio é mais originário que o amor?**

**Jean-Pierre Lebrun** - Porque o ódio está primeiramente lá, já que ele é engendrado por esta perda que impõe a linguagem. É este corte que está em nossa origem de humanos.

**IHU On-Line - Como podemos compreender a relação linguagem-ódio?**

**Jean-Pierre Lebrun** - A relação linguagem-ódio se baseia simplesmente no fato de que este constrangimento [ou coação] do nosso linguajar, traz espontaneamente à tona o ódio, a cólera de dever assumir esta condição.

**IHU On-Line - Quais são as principais expressões do ódio na pós-modernidade?**

**Jean-Pierre Lebrun** - Na pós-modernidade, a simbolização está em dificuldade, já que o esteio que ela encontrava no apoio na figura do pai é abandonado. Aliás, não é certo que o processo de simbolização possa ser mantido pela mãe até seu termo, pois esta (mãe) não pode cumprir simultaneamente a tarefa de ser o primeiro Outro e o alheio deste Outro (seu outro Outro). Isto não impede que se tenha que estudar mais detidamente o modo pelo qual os mecanismos que a mãe põe em ação contribuem, e mesmo em que medida eles estão em condições

de suprir a deficiência gerada pelo fim do apoio paternal.

**IHU On-Line - Como o declínio da autoridade, seja ele paternal, político ou divino, se conecta com a irrupção da violência? O ódio é seu sustentáculo?**

**Jean-Pierre Lebrun** - O declínio da autoridade traz consigo não se ter mais uma instância simbólica à qual dirigir seu ódio – aliás, irreduzível – e, por conseguinte, de não ter mais um objetivo no qual o indivíduo encontre a necessidade de transformar seu ódio em outra coisa que não seja a destruição. Para dizê-lo de um modo rápido, isso lhe barra a via da sublimação. Quando, mais tarde, o indivíduo se encontrar face à irrupção de sua violência, ele não terá outra saída a não ser a de pô-la em ação.

**IHU On-Line - Qual é o futuro de nossos ódios?**

**Jean-Pierre Lebrun** - Esta é precisamente a questão: que futuro há para

“Para que haja encontro, se faz necessária a confrontação com a alteridade”

os ódios, se os mecanismos pelos quais nós os constrangemos a se transformarem em outra coisa que não seja a destruição, se encontram em dificuldade? A resposta é simples – ainda mais violência!

**IHU On-Line - Por que o evitar o ódio se deu em nossos dias pela forclusão do encontro?**

**Jean-Pierre Lebrun** - Para que haja encontro, se faz necessária a confrontação com a alteridade. Em francês, alteridade ressoa como “alterar”, o que quer dizer abismar. O encontro com a alteridade jamais deixa indene. Haverá vestígios do impacto, cicatrizes do choque. E, progressivamente, este encontro tornará menos violento um novo encontro: a alteridade terá sido tornada presente de tal maneira que o indivíduo não será mais abalado completamente pelo choque do desconhecido, do radicalmente outro. E, então, não deverá mais se deixar ir retrucando através do ódio, para lhe dar curso por sua violência, pois ele terá, pouco a pouco, tolerado que o outro o perturbe, o embarace. É o que podemos esperar de melhor.

**IHU On-Line - Quais seriam as diferenças que apontaria entre o ódio e gozo do ódio?**

**Jean-Pierre Lebrun** - O ódio é em si inerente à psique! Mas o gozo do ódio é da responsabilidade do indivíduo! Odiar é um fato, mas desfrutar seu ódio é, por exemplo, encontrar uma satisfação no fato de entretê-lo e sustentá-lo, o que não é a mesma coisa!

## O parricídio no Dostoiévski de Freud. Uma leitura psicanalítica?

Quanto mais o sujeito consegue manter seu desejo, sua palavra, mais se pacifica e escapa do jugo do superego, assinala o psiquiatra e psicanalista José Zuberma. A questão do parricídio no Dostoiévski de Freud une desejo de morte com violência e é emblemática nesse sentido

POR MÁRCIA JUNGES E MARIO FLEIG | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

A questão do parricídio no Dostoiévski de Freud, mistura de desejo de morte com a violência de sua consecução nunca deflagrada, é o mote da entrevista realizada pessoalmente pela IHU On-Line com o psicanalista e psiquiatra argentino José Zuberma, quando esteve em Porto Alegre, proferindo conferência sobre esse tema. Zuberma atenta para a admiração do escritor russo pelos criminosos, o que faz Freud deduzir que ele tinha uma fantasia de matar o pai, “obviamente nunca concretizada”, uma vez que seu assassinato é perpetrado por servos da família. “O que Freud traz de novo ao analisar o ataque epilético em Dostoiévski é que ele dá um sentido simbólico a ele quando o inclui ao Complexo de Édipo”. Zuberma explica: “O crime fantasiado pede um castigo. Então, quando há uma fantasia criminosa, já se pede um castigo”.

O texto de Freud sobre Dostoiévski traz relações diretas com a questão da Ética da Psicanálise, tema do *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?* [ne cède pas sur ton désir]?, marcado para 14 de agosto deste ano, na capital gaúcha. Lacan afirma que a ética da psicanálise é muito severa, “porque propõe que o sujeito se realiza na medida em que sustenta seu desejo”, ou seja, não cede, não desiste da sua palavra.

Membro da Escola Freudiana de Buenos Aires (EFBA), Zuberma é autor de, entre outros, *O ataque epilético no Dostoiévski de Freud* (Porto Alegre: Cadernos do Recorte, 1995). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O senhor tem trabalhado, há muito tempo, a questão do pai em Freud. No caso da interpretação que Freud faz de Dostoiévski e da sua problemática, que é o seu ataque e a questão do parricídio, o que Freud traz de novo a respeito dessa questão?**

**José Zuberma** - O ataque epilético sempre foi algo sagrado, misterioso, e portanto intocável. Freud, mais uma vez, se envolve com algo que aparece como intocável para o conhecimento da época, se envol-

veu com os sonhos, com os sintomas histéricos. Agora, envolve-se com o ataque epilético em Dostoiévski. O que ele vai descobrindo, a partir da descrição do dormir letárgico, ou “dormir de plomo” (dormir de chumbo), como a psiquiatria chama, que isso tem a ver com a identificação com um morto. Quando avança na leitura de Dostoiévski, descobre que há uma insistência na admiração dos criminosos e da influência que teve em sua vida o fato de que eles assassinaram seus pais quando ele era

muito jovem, aos seus 17 anos. Então, Freud diz que é uma identificação com o pai morto, que o morto com o qual ele se identifica é o pai. Pela admiração que ele sente para com os criminosos, então Freud, seguindo o texto ao pé da letra, diz que havia uma fantasia de assassinar o pai – ato que outro cometeu, mas ao qual ele se identifica; como assassino, mata o pai e depois se identifica com o pai morto. Então, da admiração que Dostoiévski tem pelos criminosos, Freud deduz que ele tinha uma fantasia de matar o pai – obviamente nunca concretizada; o pai foi assassinado por algum delinquente que ele admira.

Freud também aponta para o estranho respeito que existe da sociedade para com o criminoso, por um lado, e uma atitude reativa a ele, por outro. Há uma dupla atitude diante do criminoso: uma é “coloquem-no preso, não quero saber nada dele”, e a outra é o discurso de compreensão, de perdão. Freud diz que essa é a dupla atitude diante da fantasia sádica que cada um tem. Então, o que Freud traz de novo ao analisar o ataque epilético em Dostoiévski é que ele dá um sentido simbólico a ele quando o inclui no Complexo de Édipo. Pode-se pensar sobre algo do sujeito, de sua fantasia. Então, não é um mero quadro neurológico, não é uma mera descarga de energia, mas há algo que em que o sujeito implicado. Então, ele quis assassinar o pai; se envolve, culposamente, no assassinato do pai, depois se identifica com o pai morto. Como diz Freud: “Quiseste matar teu pai, agora és teu pai, mas teu pai morto”.

**IHU On-Line - Como é essa relação entre crime e castigo, que também é o título de uma das obras de Dostoiévski?**

**José Zuberma** - É o que Freud traz: o crime fantasiado pede um castigo. Então, quando há uma fantasia criminosa, já se pede um castigo. Toda a polícia sabe que sempre encontramos o criminoso, na data de aniversário, no local do crime, ou no velório da mãe, e há lugares em que eles não faltam.

**IHU On-Line - E que relação teria esse**

**“Quando Freud diz que o assassinato do pai é o ato civilizador, que instaura o simbólico, que pode se instaurar nesse lugar, implicar-se nesse simbólico, ele não vive pendente do crime do parricídio e de um castigo”**

**par “crime e castigo” com a paixão pelo jogo, que Dostoiévski tem?**

**José Zuberma** - Quem melhor descreve a paixão pelo jogo de Dostoiévski em um livro é a sua segunda esposa, que diz que ele, quando cobrava dinheiro de um livro que escrevera, precisava jogar, jogar, jogar até ficar em zero. E aí recomeçava a escrever e a ganhar dinheiro. É a mesma coisa, digamos, e segue a mesma sequência do ataque epilético: levar a coisa até o ponto da morte e aí ressuscitar. Que é o que Freud diz: assassina-se o pai, se identifica com o assassino, o mata, é o pai morto e depois ressuscita como filho. Então, ele chega até o zero do dinheiro, depois ressuscita e começa a escrever de novo. E o que a mulher diz é que, no momento em que ele cobra, ela separa algum dinheiro para a manutenção, para que não passem miséria. Ou seja, não é um escritor contínuo, tem o ritmo epilético.

**IHU On-Line - E que valor tem essa obra escrita com relação ao seu problema com o pai?**

**José Zuberma** - Freud disse que ele nunca pôde pagar a hipoteca que o assassinato do pai implicou para ele. Eu penso que ele, em cada livro, ao trabalhar o tema, irá pagar algumas cotas da hipoteca. E essa sua criação literária lhe permite, justamente, ao escrever seu nome como escritor, que

não o escreva como assassino. E isso vai pacificando-o toda sua existência, porque sua escrita permite-lhe uma inscrição como escritor. Ele já não precisa se inscrever como assassino para ser diferente do pai.

**IHU On-Line - O senhor vai intervir, em agosto, no colóquio sobre a Ética na Psicanálise. Haveria alguma relação entre o texto de Freud sobre Dostoiévski para se pensar a ética na psicanálise?**

**José Zuberma** - Sim, porque, justamente, o que Lacan propõe em “Seminário: A Ética na Psicanálise” é que a ética da psicanálise é uma ética muito severa, porque propõe que o sujeito se realiza na medida em que sustenta seu desejo. Há aí uma força do imperativo categórico kantiano, mas qual é a diferença? Kant propôs um imperativo categórico universal, e a psicanálise propõe um imperativo categórico na singularidade do desejo de cada sujeito. Na medida em que um sujeito sustenta seu desejo, ele não fica à mercê do superego. Isto é, essa força que o leva à fantasia do assassinato que nunca cometeu e a buscar um castigo, essa dialética entre crime e castigo da qual não pode sair, segundo Freud, aparece quando ele não pode sustentar seu desejo. Quanto mais se sustenta o desejo, mais se sai dele. Porque, na proposta freudiana do assassinato do pai, é ele que estabelece a lei, e a lei, o simbólico, é o que pacifica o sujeito. Na medida em que um sujeito pode sustentar seu desejo, ele vai se pacificando.

Freud mesmo diz que descobriu três erros que cometeu. No capítulo nove, *Psicopatologia da vida cotidiana*, ele descreve que cometeu três erros a um público. Equivocou-se ao colocar, ao pai de Aníbal, o nome do irmão. Equivocou-se entre quem matou quem entre Cronos e Zeus. E a base do erro era sempre uma cena parricida. Então, Freud pergunta: por que me equivoquei, se eu reviso os meus escritos? Como pude publicá-los com erros? E diz: isso tem a ver com pensamentos reprimidos com relação à morte do meu pai. E depois especifica: equivoquei-me justamente ao falar da piedade entre pais e filhos, ou entre

filhos e pais. Ou seja, a fantasia de assassinar o pai é o que atormenta Freud nesse período de dor e faz-lhe cometer os erros. Com a honestidade intelectual que Freud tinha, ele pode confessar a razão de seus erros e analisá-la. Toda a questão da psicanálise é poder avançar, sem temor e sem piedade, na direção do desejo. Quando Freud diz que o assassinato do pai é o ato civilizador, que instaura o simbólico, que pode se instaurar nesse lugar, implicar-se nesse simbólico, ele não vive pendente do crime do parricídio e de um castigo.

**IHU On-Line - Retomando a questão da Ética da Psicanálise, que Lacan propõe, “não cedas de teu desejo”, qual é a dificuldade que encontramos, nos dias de hoje, com a lógica de nosso tempo, organizada como o discurso do capitalista?**

**José Zuberma** - Lacan, na conferência de Milão, diz, justamente que o discurso do amo regeu durante muitos séculos. Nos quatro discursos de Lacan, há quatro termos que circulam por quatro lugares. Lacan diz que houve uma variação no discurso do amo que poucos registraram. O pai sai do lugar do agente, então, isso determina que se “forcluem” as questões do amor, e que o pai não seja o agente do discurso que determina o que, no mundo contemporâneo, se registra como uma perda de valor do pai em toda a sociedade. Isso provoca um deslocamento, em que também há um desprestígio da palavra como tal. O desprestígio da palavra como tal faz com que, justamente, não se cotize nem o desejo, nem o amor, o que muda as relações sociais entre as pessoas. Pouco valor da palavra: as pessoas não sabem quem são seus vizinhos, os quais, na nossa infância, eram algumas das pessoas mais importantes da vida; não têm diálogo com seus contemporâneos. O consumo passa a ser o motor que move tudo. As catedrais atuais são os shoppings. Não se constroem catedrais: se constroem shoppings.

#### Forclusão do amor e declínio do pai

Essa “forclusão” das coisas do amor e essa perda do valor do pai, em nossa sociedade, determina também que a

## “O desprestígio da palavra como tal faz com que, justamente, não se cotize nem o desejo, nem o amor, o que muda as relações sociais entre as pessoas”

patologia que faz com que as pessoas consultem os psicanalistas seja completamente diferente. Há 40 anos, os adolescentes nos consultavam por causa de problemas de vocação, por temor à iniciação sexual, por dificuldades de ter amigos. E hoje as consultas são por causa de adições — que, sendo lacanianas, são “a-dicções”, sem palavras —, bulimias, anorexia, e patologias em que o sujeito traz um grande sofrimento, mas poucas perguntas sobre si. No Colóquio, vou mostrar as fórmulas de Lacan, dos quatro discursos, a mudança do discurso do amo ao discurso capitalista, para exemplificar como se rompe o par ordenado e o ordenamento do fantasma debaixo da barra.

**IHU On-Line - Esse discurso capitalista só se dá no sistema capitalista ou se dá também nos outros sistemas?**

**José Zuberma** - Lacan apresenta esse discurso em Milão, quando ainda existia o muro de Berlim. E diz que o discurso marca o laço social. O laço social é sempre do discurso. O corpo está marcado por um significante, então não somos os mesmos se nos encontramos em uma conferência, em uma festa, ou em uma manifestação política, ou no consultório. Lacan disse que esse discurso também marcava radicalmente todas as relações, todos os laços sociais nos países do Leste. Por isso, ele não confunde o discurso com a organização política. É um discurso que se instaura em nosso meio. No filme *Sangue negro*, é muito claro: o padre que ia dizer seu “não” à Igreja, que ia pedir dinheiro capitalista para construir sua Igreja, termina como? Em um terrível banho de sangue.

Não acontecia isso em outras nações, que faziam da Igreja o seu credo. É um fato novo, que também acontece em muitas universidades quando entram em contato com um capitalista mecenaz. Vai mudando sua direção.

**IHU On-Line - Esse filme começa em 1914 e termina mais ou menos no nosso tempo, com a exploração do petróleo. E, realmente, as últimas palavras do protagonista são “Já terminei”, quando acabou matando o religioso.**

**José Zuberma** - Acabou matando o religioso, os professores, e expulsando o filho que ia fazer o seu próprio negócio.

**IHU On-Line - E dizendo ao filho que só o tinha adotado porque, então, com um filho, todas as pessoas tinham pena dele e vendiam-lhe todos os terrenos onde estava o petróleo.**

**José Zuberma** - Tudo é consumo. O sexo, o filho, tudo é mero consumo. Por isso, Lacan diz que o discurso capitalista “forclui” as coisas do amor.

**IHU On-Line - O discurso capitalista, realmente, é um deslizamento, uma nova distribuição dos termos trabalhados por Lacan, do discurso do amo. O que acontecerá com esse discurso capitalista através dos anos e através de outro tipo de discurso? Teremos outro tipo de sociedade, em que acontecerão novas patologias? Ou patologias diferentes?**

**José Zuberma** - Acabo de dizer que patologias diferentes já acontecem. Eu não posso prognosticar. A psicanálise sempre se dedicou a interrogar o saber do outro. Freud interroga o saber de Dostoiévski, o saber de Michelangelo,<sup>1</sup> o saber de Leonardo,<sup>2</sup> o

<sup>1</sup> Michelangelo (“Miguel Ângelo”) di Ludovico Buonarroti Simoni (1475-1564) foi um pintor, escultor, poeta e arquiteto renascentista italiano. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Leonardo da Vinci (1452-1519): foi um polímata italiano, uma das figuras mais importantes do Renascimento naquele país, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. É ainda conhecido como o precursor da aviação e da balística. Leonardo frequentemente foi descrito como o arquétipo do homem do Renascimento, alguém cuja curiosidade insaciável era igualada apenas pela sua capacidade de invenção. É considerado um dos maiores pintores

saber de um paciente, mas sempre interroga o saber do outro. Não é uma concepção do mundo, que propõe uma filosofia própria. Nós podemos interrogar esse discurso que se constitui, o laço social e a patologia que ele gera. Mas não pode prognosticar muito mais além, nem cabe à psicanálise propor, como se fosse um grupo político, como reformar a sociedade.

#### IHU On-Line - Freud se deparou com o discurso do capitalismo?

**José Zuberma**n - Acredito que não, porque Freud fazia perguntas sobre as coisas de seu tempo e o sintoma neurótico. Lacan interessava-se por outras questões, como a psicose, porque vem da psiquiatria, e lhe interessa muito a questão do final da análise. Então, ele vislumbra que seus quatro discursos são insuficientes. O que Freud interroga de seu tempo é essa fascinação com o líder, a psicologia das massas e chega até aí, e é bastante, e avança na questão de Moisés e a religião monoteísta, em interpretar isso que ele havia iniciado na psicologia das massas. Até aí. Mas há uma fascinação pelo líder e uma ideia que conduz. Então, esse é o discurso “mètre”. Hoje, o discurso “mètre” não conduz. Não existe um pai dos povos como Stalin,<sup>3</sup> que levanta todos os povos para lutar contra o nazismo.

As campanhas eleitorais são de uma grande pobreza de ideias, porque toda a questão é o consumo. Re-

de todos os tempos, e como possivelmente a pessoa dotada de talentos mais diversos a ter vivido. (Nota da IHU On-Line)

3 **Josef Stalin** (1878-1953): ditador soviético, líder máximo da URSS de 1924 a 1953 e responsável pela condução de uma política nomeada como stalinismo. Chegou a estudar em um colégio religioso de Tbilisi, capital georgiana, para satisfazer os anseios de sua mãe, que queria vê-lo seminarista. Mas logo acabou enveredando pelas atividades revolucionárias contra o regime czarista. Passou anos na prisão e, quando libertado, aliou-se a Vladimir Lenin e outros camaradas, que planejavam a Revolução Russa. Stalin chegou ao posto de Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1922 e 1953 e, por conseguinte, o chefe de Estado da URSS durante cerca de um quarto de século. Sobre Stalin, confira, ainda, a entrevista concedida pelo historiador brasileiro Ângelo Segrillo à edição 265 da IHU On-Line, intitulada *Stalin e Roosevelt: uma troca de cartas reveladora*, analisando a obra *Prezado Sr. Stalin* (Rio de Janeiro: Zahar, 2008), de autoria de Susan Butler. (Nota da IHU On-Line)

únem-se com um agente de publicidade. Primeiro, perguntam-lhe o que as pessoas querem e depois propõem o que as pessoas querem. E ele vende isso a cada candidato como um produto. Impõe-se a lógica do consumo sobre todas as outras considerações. Parece-me que isso não era do tempo de Freud, nem era o que Freud fazia perguntas. Freud diz que a psicanálise permite transformar a miséria neurótica em sofrimento vulgar. Isto é, não promete a felicidade como as religiões e os políticos, não promete a felicidade a ninguém. O que promete, sim, é que a psicanálise torna possível transformar a miséria neurótica em sofrimento comum. Acredito que podemos fazer esse mesmo trabalho com os novos quadros. Devemos fazer a mesma coisa que Freud diz sobre os sintomas neuróticos com os novos quadros que vêm nos consultar.

#### IHU On-Line - E a relação do discurso capitalista com o pós-guerra, especialmente com relação à técnica? No filme de Costa-Gravas, *Amém*, o que importava era o trem. O trem era a personagem principal do filme. Se não houvesse o trem, nenhuma mobilização daquele tipo seria possível.

**José Zuberma**n - Walter Benjamin<sup>4</sup> diz, depois da Primeira Guerra, que o desfile dos soldados, por parte de Paris, não despertava nada, nem eles estavam felizes. Porque não era como nas guerras de antes da Primeira Guerra Mundial que aquele que ficava vivo era porque era mais valente, ou melhor lutador. Dependia do lugar que lhe coube estar. Se lhe coube um lugar que não foi bombardeado, você voltava com vida. Aquilo que lhe acontecia era escrito em um escritório, não pela sua valentia. Então, é por isso que não havia alegria no desfile de Paris depois da Primeira Guerra. O que Lacan diz, na Proposição, é que o campo de concentração preanuncia o tipo de vida que nos espera.

4 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

#### IHU On-Line - Sujeito, fora.

**José Zuberma**n - Claro, o campo de concentração que pode ser a vila, a favela ou o condomínio.

#### IHU On-Line - Mas tudo isolado...

**José Zuberma**n - Claro, na favela ou no condomínio, você é um número. No bairro, ainda sou “José”.

#### IHU On-Line - Essa questão do capitalismo só é possível com o desenvolvimento da técnica...

**José Zuberma**n - Isso é de Marx,<sup>5</sup> que diz que o mesmo motor que move as ferrovias – ou seja, a técnica – move o pensamento da época. O que Marx não encontra é como ele o move. É a subjetividade, com o sujeito, com os quais ele nunca se meteu.

#### BAÚ DA IHU ON-LINE

\* *Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano*. Edição nº 195, de 11-09-2006, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161089798.38pdf.pdf>;

\* *Dostoiévski chorou com Hegel*. Entrevista com Lázló Földényi, Edição nº 226, de 02-07-2007, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=531&id\\_edicao=253](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=531&id_edicao=253);

\* *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*. Entrevista com Chico Lopes, Edição nº 288, de 06-04-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1548&id\\_edicao=316](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1548&id_edicao=316);

\* *A exacerbação como traço fundamental de Dostoiévski*. Entrevista com Aurora Bernardini, Edição nº 296, de 08-06-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_destaque\\_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1658&idedit=7](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1658&idedit=7).

5 **Karl Heinrich Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideas*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158330314.12pdf.pdf>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1224527244.6963pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

## “A função da cultura é atenuar nossa violência e mantê-la sob controle”

Ser humano é violento por essência. Se não o fosse, como já dizia Freud, não seria preciso criar mandamentos, prescrições, exortando-nos a amar o próximo como a nós mesmos, avalia psicanalista Ivan Correa. O modelo capitalista exacerba violência ao incitar consumo

POR MÁRCIA JUNGES

A violência faz parte da essência humana, e a cultura tem como função atenuar e controlar essa característica que nos é intrínseca. A explicação é do psicanalista Ivan Correa na entrevista que concedeu, por telefone, à IHU On-Line. De acordo com ele, essa violência essencial é exacerbada na pós-modernidade pelo modelo capitalista, cujo discurso insta as pessoas a terem e consumirem sempre mais, para buscarem legitimação e aceitação, numa verdadeira “excelência do ter”, em lugar de uma “excelente do ser”, que seria desejável. “O discurso capitalista priorizou a questão da excelência do ter, e não do ser”. Essa desmesura, essa *hybris* que rege nossa sociedade, faz com que as pessoas não se contentem mais com o necessário, com o razoável, e queiram sempre mais. A violência é um dos resultados dessa busca e consumo incessantes. Correa identifica, ainda, uma relação entre o desmoronamento da autoridade política e paterna com o binômio violência e desejo, quando um retroalimenta o outro.

Psicanalista, membro do Centro de Estudos Freudianos do Recife (CEF), Ivan Correa é licenciado em Matemática, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e mestre em Filosofia e doutor em Psicologia, pela Universidade de Paris (Sorbonne). Professor titular da disciplina Teorias Psicanalíticas na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), onde introduziu o estudo de Jacques Lacan, desde agosto de 1971, é autor de *A escrita do sintoma* (Recife: Centro de Estudos Freudianos, 1996), *Escrituras lacanianas* (Recife: Centro de Estudos Freudianos, 1996) e *A psicanálise e seus paradoxos clínicos* (Salvador; Ágalma, 2001), além de diversos artigos em revistas nacionais e internacionais. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Que relações você traria entre violência e desejo?

**Ivan Correa** - A violência é algo que faz parte da essência do ser humano. E o desejo não pode deixar de estar implicitamente ligado à violência. É a cultura que nos faz que possamos modelar a violência essencial do ser humano. Isso encontramos em Freud, no *Mal-estar da civilização*, escrito no qual este assunto está bem articulado. Nessa obra, Freud mostra que o preceito de amar o próximo como a nós mesmos, contido no Evangelho, não é natural. Se o fosse, não seria necessário um mandamento, uma prescrição. Então, Freud chega mesmo a dizer que, quando o ser humano se congrega dentro de um grupo e pratica a solidariedade, na realidade é necessário que haja outro grupo, fora deste, para que o ser humano o ataque. A própria solidariedade implica em que haja uma

força que crie um perigo “fora”, e que este precise ser combatido. A função da cultura é atenuar nossa violência e mantê-la sob controle.

Na própria estrutura do ser humano, encontramos, sempre, a questão da violência. Se pensarmos na história da humanidade, veremos isso nas guerras. Se pegarmos um texto como o Gênesis, da Bíblia, o primeiro modelo de fraternidade apresentado é o de Caim e Abel. E essa fraternidade consistia na inveja, no ciúme, que fez com que Caim matasse Abel. Quando falamos de forma bem corriqueira que somos amigos, irmãos, esquecemos que, na realidade, esse protótipo que a Bíblia traz, mostra que, mesmo dentro da fraternidade, existe, de algum modo, a violência. É um paradigma que encontramos já na Bíblia. Isso porque, na realidade, o irmão é aquele que tira

algo de nós, é ele que também herdará algo de nossa herança. Se existisse apenas um ser humano sobre a terra, ele teria o direito legítimo e incontestável sobre tudo que existisse. Mas, havendo dois seres humanos, é necessário que haja, pelo menos, um Tratado de Tordesilhas, digamos assim.

### IHU On-Line - Há uma exacerbação da violência na pós-modernidade ou ela só mudou de cara?

**Ivan Correa** - Do ponto de vista cultural, penso que está havendo, sim, uma exacerbação da violência em nossos dias. Na mídia, de 80 a 90% das notícias dizem respeito à violência. Um exemplo é a violência no trânsito. De acordo com dados da TV, só na cidade de São Paulo a ocorrência de violência no trânsito e desentendimentos por coisas banais chega a 400 ocorrências

diárias. Assim, vejo que a agressividade, a violência, vem crescendo exponencialmente de um tempo para cá.

### **IHU On-Line - Como essa violência está associada à sociedade de consumo capitalista?**

**Ivan Correa** - Vamos recuperar um aspecto fundamental. Qual é o discurso capitalista? O discurso capitalista diz que seremos tanto mais felizes quanto mais possamos possuir. O discurso capitalista priorizou a questão da excelência do ter, e não do ser. Seremos valorizados por aquilo que temos, pelo que possuímos de mais formidável e abundante, contrariamente ao ser, ao aperfeiçoamento do ponto de vista da virtude pessoal, da solidariedade, do amor. Essa exacerbação é aquilo que os gregos chamavam de *hybris*, de desmesura, orgulho, prepotência. Como dizia Heráclito, a *hybris* é pior do que qualquer incêndio, porque devora tudo. No momento em que sociedade é dominada pela *hybris*, pela desmesura, como no modelo capitalista, as pessoas não se conformam mais com o necessário, com o que é razoável. E isso gera violência. Toda semana ouvimos relatos na mídia sobre empresas e pessoas bilionárias que acumulam riquezas em escala inimaginável. Nem vivemos tanto para usufruir desse acúmulo de coisas!

### **IHU On-Line - É correto dizer que o declínio da autoridade política e paterna resulta no binômio violência/desejo? Por quê?**

**Ivan Correa** - Certamente, essa relação é possível, porque as autoridades política e paterna estão imbricadas de maneira indissociável. A autoridade política não é outra coisa senão a delegação da autoridade paterna, o seu prolongamento. A autoridade como tal surge da função do pai, e a função do pai é que dará a marca de que existe uma Lei, e, portanto, um regime que leva o sujeito a admitir a simbolização da lei. Por conseguinte, seu desejo terá limites. Isso, de certa forma, será uma delegação que a cultura faz para a autoridade paterna em se estender à autoridade política, através de representantes. O desmoronamento a que assistimos da autoridade paterna não deixa de ser reflexo ou algo que provoca o desmoronamento da autoridade

política. Isso porque há uma confusão enorme no Brasil entre a justiça e a lei. Basta que haja uma lei, mesmo que arbitrária, para que toda espécie de arbitrariedades seja acobertada. Esse é um discurso político muito comum entre nós, confundindo justiça com lei. Essa desmesura na coisa pública é justificada através da existência de leis criadas para facilitar as demandas de determinados políticos, em particular entre nossos parlamentares. Pode até existir tais leis juridicamente, mas elas não são justas. Há uma diferença entre legalidade e justiça, o que significa que a lei pode ser inteiramente arbitrária e injusta, como no caso do nazismo.

### **IHU On-Line - As figuras de autoridade foram destruídas na pós-modernidade, mas o lugar por elas ocupado continua a existir. Como operar esses lugares e essas funções?**

**Ivan Correa** - Essa é a grande tarefa que devemos realizar: restaurar esses lugares nos quais possa surgir um *ethos*, uma forma de ser adequada à convivência humana. É uma questão de como conviver de forma solidária. Todas as formas de espiritualidade que possam ajudar a dar essa visão nova, esse *ethos* novo, são válidas. Mas é preciso que isso comece desde cedo, com a educação oferecida às crianças, levando-lhes a visão de que não vivemos sós no mundo, de que podemos nos beneficiar, também, da maneira de ser dos outros, e eles da nossa.

### **Narcisismo bom e ruim**

Do ponto de vista psicanalítico, há duas formas de narcisismo, como há duas formas de colesterol, o bom e o ruim. O narcisismo bom é aquele através do qual nos sentimos confortáveis e valorizados em produzir algo de valor cultural. Isso é ótimo porque nos leva a criar e a querer ajudar os outros. O narcisismo ruim, perverso, é aquele de achar que só podemos ser felizes destruindo a felicidade do outro, e de que apenas estando em seu lugar é que podemos atingir essa felicidade. Dentro dessa perspectiva, o outro é um empecilho, precisando, pois, ser eliminado.

Isso é um reflexo do que poderíamos falar no campo lacaniano, da questão do estágio do espelho. A criança quando se descobre no espelho, quando vê aquele bebê maravilhoso, não sabe que aquela imagem no espelho é ela. Ela vê apenas aquele bebê feliz, alegre, satisfeito, sorrindo, e isso pode nos marcar, nos dar um símile de como é, de fato, o que acontece com o sujeito ao guardar esse modelo de que só pode ser feliz no lugar do outro.

Há uma fábula alemã que ilustra isso muito bem. Havia uma senhora muito rica que possuía uma mansão enorme, com vários empregados e terraço. Ao lado, morava uma senhora muito pobre, numa casa pequena, que não tinha nem terraço. Essa senhora pobre olhava para a grande mansão e dizia “como aquela mulher deve ser feliz, cheia de empregados, com aquela casa maravilhosa para morar”. Por sua vez, a senhora rica, da mansão, olhava a casinha humilde, e sua dona varrendo a pequena calçada, e pensava: “como aquela mulher deve ser feliz, sem esses empregados todos para atrapalhar, sem uma casa tão grande para administrar”. Esse querer estar no lugar do outro a qualquer custo é o que leva, muitas vezes, à violência.

### **IHU On-Line - Quais serão as principais ideias que irá discutir no Colóquio A ética da psicanálise, quando irá falar sobre “Etnocentrismo e heterologia”? Como esse tema se relaciona com a violência e o desejo?**

**Ivan Correa** - Quanto ao etnocentrismo, falarei precisamente sobre a ideia de que apenas aquilo que é da nossa estirpe, da nossa etnia, é que é excelente. Tudo que fica fora desse universo não vale nada, não presta, e por isso precisa ser destruído. A respeito da heterologia, direi que é preciso conciliarmos nossos valores culturais e apreciarmos também os valores dos outros, compartilhando aquilo que há de bom no outro, sem desvalorizarmos o que temos de bom e nem nos alienarmos, pensando que só é bom aquilo que vem de fora, dos outros países, das outras pessoas, sem renunciar e menosprezar nossos próprios valores.

## A violência é constitutiva do ser humano e determina a sua subjetividade

Recuperando temática freudiana, Rosane de Abreu e Silva afirma que a violência funda a civilização, é determinante de nossa subjetividade e se divide em fundamental, constitutiva do ser humano, e exacerbada, como experiência de excesso

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO ARQUIVO PESSOAL

“**A** violência fundamental é aquela a qual todo o ser humano tem de ser submetido para se tornar sujeito”, esclarece a psicanalista Rosane de Abreu e Silva na entrevista que concedeu com exclusividade à IHU On-Line, por e-mail. De acordo com ela, “a violência primária se instaura no ser humano, desde os primeiros tempos de vida, desde o seu nascimento”. Com base na obra de Sigmund Freud, ela explica que a violência é fundadora da civilização, determinante de nossa subjetividade. Por outro lado, a violência exacerbada é a experiência do excesso, quando “o sujeito se encontra abandonado as suas próprias pulsões. Não se trata mais, então, da violência primária ou fundamental, mas sim de um movimento contrário”. E completa: “A violência exacerbada é o que silencia a dor que não encontrou na palavra, o seu apaziguamento”. Rosane detecta, ainda, uma relação entre a violência juvenil, tema na qual é especialista, e o declínio da função paterna. Mas alerta: “Não é mais suficiente fazermos esta relação para pensarmos sobre a violência juvenil. O declínio da função paterna é uma teoria que não dá mais conta da questão da delinquência”.

Graduada em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é especialista em Terapia de Casal e Família, pelo Domus Centro de Terapia de Casal e Família. cursou mestrado em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado em Psicologia na Universidade de Paris XIII (Paris-Nord), na França, com a tese *La délinquance juvénile et la question de l'objet*.

É coordenadora do Laboratório de Psicopatologia da Fundação Escola Superior do Ministério público (FMP), membro da Escola de Estudos Psicanalíticos (EEP), da Associação Universitária de Pesquisa Em Psicopatologia (AUPPF) e do Laboratório de Psicopatologia da Universidade de Provence, na França. Atua como psicanalista em clínica. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como poderíamos conceituar a violência?**

**Rosane de Abreu e Silva** - Creio que é importante fazermos a diferença entre a violência que é constitutiva do sujeito, portanto, fundamental, ou ainda violência primária tal como a denomina Piera Aulagner<sup>1</sup> (1975), da violência exacerbada, ou o que eu chamaria de inominável. A violência fundamental é aquela a qual todo o ser humano tem de ser submetido para se tornar su-

jeito. E, aqui, é importante observar que a construção do sujeito vai para além do orgânico ou do fisiológico. A violência primária se instaura no ser humano, desde os primeiros tempos de vida, desde o seu nascimento. Podemos trazer aí a desilusão da unicidade, a contínua ilusão e desilusão do desejo de completude e de ser um na fusão à mãe. O bebê humano vem ao mundo em uma completa dependência e o adulto, ao atender as necessidades deste bebê, introduz a noção de exterioridade. Este mesmo ser que o cuida também o priva, na sua ausência, enunciando suas carências e sua extrema dependência. Portanto, ao mesmo tempo em que atende suas ne-

cessidades, a mãe violenta o bebê, ao dar-lhe aquilo que ele precisa.

**IHU On-Line - Por que a considera constitutiva do sujeito?**

**Rosane de Abreu e Silva** - Porque ela se dá, inevitavelmente, desde o início da vida do ser humano. Ao ser iludido e frustrado, continuamente, no desejo de completude e de ser um na fusão à mãe, ao descobrir que esta mãe não está apenas a serviço de suas necessidades pulsionais, pois ela também se ausenta, o ser humano inicia sua vida, submetido a uma violência que o constitui. E é justamente esta violência fundamental que introduz a noção de exterioridade, indispensável para o reconhecimento do



outro, da concepção do objeto separado do sujeito. Este outro exterior, fonte de satisfação das necessidades, quebra o sentimento de unicidade, necessário para o advir do sujeito.

Freud também nos mostra que a violência, enquanto fundadora da civilização, é determinante da subjetividade. Suas reflexões sobre o Supereu se estendem a um Supereu coletivo construído em torno da morte do pai da horda em *Totem e tabu* (1912) ou na de *Moisés* (1939) pelo povo hebreu. O amor reaparece com o remorso em relação ao crime e torna-se o motor da constituição do Supereu pela identificação ao pai morto, encarregado de punir este ato e de impedir seu retorno. É desta forma que o pai simbólico, aquele que podemos dizer que está morto, desde sempre, organiza o passado e o torna presente criando a lei universal e as leis que humanizam, mas que só podem se estabelecer ao preço de uma renúncia. O laço social nasce, então da morte do pai primitivo da horda selvagem e se sustenta, essencialmente, na separação deste drama fundador.

**IHU On-Line - E o que é a violência exacerbada? Por que esta seria uma violência inominável?**

**Rosane de Abreu e Silva** - Poderíamos dizer que a violência exacerbada se caracteriza pelo excesso, com fins destrutivos, visando o aniquilamento do outro, a supressão ou subtração do objeto. Nesta experiência de excesso, o sujeito se encontra abandonado as suas próprias pulsões. Não se trata mais, então, da violência primária ou fundamental mas sim de um movimento contrário. É uma ação impulsiva sem saber o que faz retorno, portanto, não está articulada na linguagem. A violência exacerbada é o que silencia a dor que não encontrou na palavra o seu apaziguamento.

**IHU On-Line - O que há por trás dessa violência exacerbada?**

**Rosane de Abreu e Silva** - Penso que há uma inconsistência entre os limites do dentro e fora, da percepção do objeto, do reconhecimento do outro. Poderíamos inferir que violência exacerbada se dá na impossibilidade de assumir a violência fundamental, uma vez que é a negação da presença do outro. E, quanto

**“Ao ser iludido e frustrado, continuamente, no desejo de completude e de ser um na fusão à mãe, ao descobrir que esta mãe não está apenas a serviço de suas necessidades pulsionais, pois ela também se ausenta, o ser humano inicia sua vida, submetido a uma violência que o constitui”**

mais o sujeito nega a presença do outro, mais se vê abandonado aos seus próprios impulsos. A aniquilação, a destruição ou a subtração torna-se aí necessária para a afirmação da existência do sujeito que se torna ameaçada, uma vez que o limite entre sujeito e objeto não encontra consistência.

**IHU On-Line - Em que sentido o nascimento é uma espécie de violência?**

**Rosane de Abreu e Silva** - O nascimento de todo o sujeito implica em uma perda da estabilidade, perda da unicidade que será reiterada nas seguintes desilusões de fusão com o Outro materno. O ser humano vem ao mundo em uma situação de desamparo. O nascimento implica em uma primeira ruptura, a separação mãe-bebê. É importante observar que aí se dá uma perda não só para o pequeno ser humano, mas também para a mãe que deve renunciar ao seu bebê como objeto de sua posse ou objeto de completude. A mãe deve dar o seu bebê como um objeto perdido, supondo

nele um sujeito.

**IHU On-Line - Como a delinquência juvenil está associada à violência?**

**Rosane de Abreu e Silva** - Seria interessante, aqui, considerarmos a etimologia da palavra. O termo delinquente deriva-se da palavra em latim *linquere* ou *relinquere*, cuja significação seria deixar, abandonar, romper um laço, separar-se. O verbo *linquere* introduz a noção de movimento ou de uma atividade radical que poderia ser entendida como atividade da pulsão, ao mesmo tempo em que expressa uma forma de abandonar, de renunciar e ultrapassar uma forma de ligação. Porém, a composição da palavra delinquente se produz pela inserção do prefixo “de”, o qual implica em dois sentidos ao mesmo tempo: a intensificação da ação podendo introduzir a ideia de uma passagem transgressiva pelo excesso, ou a transformação em ação contrária (Kinable, 1999). Neste caso, o *delinquere* corresponderia a uma forma de demonstrar a impossibilidade de “romper”, “separar-se”.

Encontramos, então, na própria etimologia da palavra, a ideia de excesso, de exacerbação, revelando a dificuldade de renunciar, dificuldade de separação. Não teríamos aqui alguma intersecção com a questão da violência exacerbada? Com a dificuldade posta no que a violência primária impõe ao sujeito?

**IHU On-Line - Poderia ser estabelecida uma relação entre essa violência juvenil e o declínio da autoridade paterna na pós-modernidade? Por quê?**

**Rosane de Abreu e Silva** - Sem dúvida, existe uma relação entre a violência juvenil e o declínio da função paterna. Porém, não é mais suficiente fazermos esta relação para pensarmos sobre a violência juvenil. O declínio da função paterna é uma teoria que não dá mais conta da questão da delinquência. É importante ressaltar que a função paterna se introduz, em primeira instância, no discurso materno. A mãe, através do seu discurso, é o agente introdutor da dimensão paterna, como terceiro separador, sustentando o lugar imaginário do pai, condição essencial para que a metáfora paterna funcione. É preciso ter uma certa

prudência, ao fazer constatações generalizadas, uma vez que precisamos tratar cada caso em sua singularidade. Mas creio que algumas observações são inevitáveis. Na minha experiência de trabalho com adolescentes delinquentes, percebo que, com frequência, o discurso materno desqualifica a função paterna. Costumo dizer que estes jovens estão encarcerados no continente materno, o que já é uma violência imposta ao sujeito, uma vez que é a função paterna que possibilita a saída deste continente, portanto, é libertadora. Da mesma forma, a função paterna abre as vias para o sujeito do desejo, o que implica na renúncia de ser o objeto de desejo materno. Renúncia que deve ser operada tanto pela mãe quanto pela criança. O que pode estar contribuindo, como fator agravante, é que no discurso da pós-modernidade encontramos um grande estímulo ao ideal de completude, investido, por sua vez, em objetos de realidade. A pós-modernidade se conduz no discurso do ideal de completude, na supressão da falta, reenviando, então, ao continente materno.

**IHU On-Line - Que relação você traçaria entre desejo e violência, e entre a constituição do sujeito, a formação do objeto, e a passagem na criança da necessidade à demanda, e da demanda ao desejo?**

**Rosane de Abreu e Silva** - Traria aqui, como exemplo, o que os jovens inseridos na questão da delinquência nos fazem escutar quando justificam sua transgressão ou violência. Há, constantemente, a demanda de um outro, que o impulsionou a esta prática. Então, que demanda é esta que ele anuncia? De que outro ele nos fala? Não há, neste ponto, reconhecimento de um outro, mas sim a presença de um grande Outro de uma suposta demanda. Demanda de suprimir o objeto, seja pelo aniquilamento ou pela subtração. Cumpre-se então, a demanda de fundir com o objeto primário. É o que parece se colocar em cena nesta questão. Enquanto submetido a esta suposta demanda, não encontramos aí a possibilidade de enunciação para o sujeito do desejo.

## Angústia e violência: um paradoxo contemporâneo

Discurso dominante convida sujeito a consumir e gozar, sem adiar. Além disso, a angústia pela falta de referências e estrutura de interdição é camuflada por violência gratuita, que parece não possuir motivo ou sentido, afirma psicanalista **Margareth Kuhn Martta**

POR MÁRCIA JUNGES

**P**or um lado, “um sentimento de angústia avassalador, ocasionado pela falta de referências e declínio de uma estrutura de interdição”, por outro, “os ideais contemporâneos que levam o sujeito à tentativa de suprimir qualquer vestígio de angústia que advenha do seu existir”. Esse é o paradoxo ao qual o sujeito está submetido em nossos dias, observa a psicanalista Margareth Kuhn Martta na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Os efeitos de cada um desses polos têm na violência, provavelmente, sua concretização. “O discurso dominante que faz laço social na contemporaneidade convoca o sujeito a consumir, a gozar, a não adiar; a norma está no desafio, no abuso, na transgressão”, assinala. A particularidade da violência atual é a gratuidade, cujos gestos parecem não ser movidos por motivo ou sentido. Martta constata: “Esse tipo de violência faz pensar na ideia do ato violento como testemunha da falência do simbólico na vida do ser humano”. Para ela, “a violência é um sintoma social na contemporaneidade”.

Graduada em Psicologia, pela Universidade Santa Úrsula (USU), no Rio de Janeiro, é especialista em Psicologia Psicopatologia e Técnicas Terapêuticas, pelo Centro de Estudos de Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (CEAPIA), em Porto Alegre. Também possui especialização em Psicologia Clínica, pelo Conselho Regional de Psicologia (CRP), também na capital gaúcha. É mestre em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a dissertação *Violência e angústia: uma perspectiva de compreensão das interações no contexto contemporâneo*, e doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Universidade de Caxias do Sul (UCS), é autora de *Violência e angústia* (Caxias do Sul: EDUCS, 2004). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a relação entre violência e angústia?**

**Margareth Kuhn Martta** - A contemporaneidade revela uma dupla face nesta interrelação, ou seja, um paradoxo, que se mostra, por um lado, como um sentimento de angústia avassalador, ocasionado pela falta de referências e declínio de uma estrutura de interdição. E, por outro

lado, os ideais contemporâneos que levam o sujeito à tentativa de suprimir qualquer vestígio de angústia que advenha do seu existir. Os efeitos decorrentes tanto de uma face como de outra têm como consequência provável a violência.

**IHU On-Line - Esse binômio é constitutivo do sujeito pós-moderno?**

**Por quê?**

**Margareth Kuhn Martta** - Porque cada época da cultura constrói subjetividades diferentes. O discurso dominante que faz laço social na contemporaneidade convoca o sujeito a consumir, a gozar, a não adiar; a norma está no desafio, no abuso, na transgressão.

**IHU On-Line - Por que a publicidade perde seu objetivo e dá origem a uma legião de deprimidos e delinquentes?**

**Margareth Kuhn Martta** - Essa ideia é de Toscani,<sup>1</sup> no seu livro *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Ele afirma que, de tanto querer nos vender a felicidade, a publicidade acaba criando uma legião de frustrados. De tanto provocar desejos que derivam em decepções, a publicidade perde o objetivo e dá origem a deprimidos e delinquentes.

**IHU On-Line - Em que medida esse mal-estar é sintomático da crise da modernidade?**

**Margareth Kuhn Martta** - Freud, no seu texto de 1930 *O mal-estar na cultura*, diz que o mal-estar é gerado por uma instância que possibilita ao homem o reconhecimento de um limite, uma finitude. Penso que o mal-estar na contemporaneidade origina-se justamente da tentativa de tentar aboli-lo, pois os ideais contemporâneos tendem ao não reconhecimento do limite, da interdição.

**IHU On-Line - A violência é fundante em nossa cultura? Por quê?**

**Margareth Kuhn Martta** - Penso que a violência é um sintoma social na contemporaneidade. O sintoma social expressa a manifestação de algo que a ordem social não consegue incluir. A sociedade oferece um lugar para aquilo que a cultura não é capaz de simbolizar, e que vai emergir em ato, como modo do real se impor. Então, no laço social, o sintoma seria aquilo que o saber ainda não deu conta e insiste em se manifestar marcando época.

**IHU On-Line - Como a falsa ideia de infinitude, a desvalorização da subjetividade e a falta de interdição colaboram para sedimentar essa violência?**

**Margareth Kuhn Martta** - Porque, para a construção de uma subjetividade que tenha como fruição uma conduta eticamen-

te aceitável, é necessário que o sujeito reconheça seus limites, aceitando o que é inerente ao ser humano: a falta. Assim, poderá assumir uma posição simbólica e interagir com o outro de modo ético.

**IHU On-Line - Por que a violência contemporânea é diferente daquelas outras que até hoje se apresentaram?**

**Margareth Kuhn Martta** - Temos presenciado na contemporaneidade cenas de violência que trazem consigo certa particularidade: são atos de violência que se definem como gratuitos, são aparentemente sem motivo e sem sentido. Esse tipo de violência faz pensar na ideia do ato violento como testemunha da falência do simbólico na vida do ser humano.

**IHU On-Line - De que forma o delírio de autonomia se apresenta na constituição dos jovens de nossa época?**

**Margareth Kuhn Martta** - Quando o grupo se torna mais importante que a hierarquia familiar, o que vem dos pais não tem valor simbólico; as interdições tomam a autoridade como manifestação de violência. Consequentemente, a reação também será violenta. A herança não é mais considerada, nem os exemplos e princípios morais, mas os bens materiais, o dinheiro. Na esteira das relações simbólicas que apontam uma hierarquia e uma verticalidade nos relacionamentos, encontramos a espera pelo jovem de um dia vir a ocupar esse lugar. Ao contrário nas relações horizontais, não há espera: quem está na frente precisa sair, dar lugar, nem que para isso o recurso seja a violência.

**IHU On-Line - Dentro desse contexto, como podemos compreender o fenômeno Bullying<sup>2</sup>?**

**Margareth Kuhn Martta** - O fenômeno Bullying, crescente no meio escolar, aponta para o laço social vigente na contemporaneidade: a perversão. Nesse fenômeno encontramos o não reconhecimento do outro como semelhante, o não reconhecimento da alteridade, a falta de empatia.

<sup>2</sup> **Bullying**: termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully* ou "valentão") ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz(es) de se defender. Também existem as vítimas/agressoras, ou autores/alvos, que em determinados momentos cometem agressões, porém também são vítimas de *bullying* pela turma. (Nota da IHU On-Line)

Religiões do Mundo | De 10-08-2009 a 08-10-2009

INFORMAÇÕES EM WWW.UNISINOS.BR/IHU

## A angústia como fonte da delinquência juvenil

A psicanalista Conceição Fleig examina a delinquência juvenil pelo ângulo da angústia, e evoca Sade para explicar o mal como princípio de uma ameaça perpétua, que pode irromper a qualquer instante, sob forma de violência

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO DIVULGAÇÃO

“**T**enho procurado examinar a delinquência sob um outro ângulo, que é justamente o da angústia. Considero que Sade tocou no mais fundo da alma humana ao falar do princípio da ameaça perpétua: conforme Klossowski, ‘o mal que pode irromper a cada instante, embora não irrompa jamais. Esta possibilidade do mal que não irrompe jamais, mas que pode irromper a cada instante, é a angústia perpétua de Sade’.

A solução para essa angústia seria: ‘Numa palavra, é preciso fazer reinar o mal de uma vez por todas no mundo, a fim de que ele próprio destrua e que o espírito de Sade encontre afinal a paz’. Talvez aí pudéssemos dizer que, para os personagens de Sade, o mal irrompe. Encontramos aí a angústia pelo mal que não acontece de todo, o que viria a suspender a repetição e que também não se acaba, não se esgota.” As afirmações são da psicanalista Conceição Beltrão Fleig, na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line.

Psicanalista e psicóloga, ela é membro da Escola de Estudos Psicanalíticos, no Brasil, analista membro da Association Lacanienne International, e especialista em Psicologia Clínica e Psicologia Escolar. Organizadora do livro *Adolescente, sexo e morte* (Porto Alegre: CMC, 2009), é autora do texto “Le gamin qui a brûlé”, publicado em *La culture des surdoués* (Paris: Erès, 2006). Confira a entrevista.



### IHU On-Line - Como o binômio desejo e violência se apresenta em crianças e em adolescentes?

**Conceição Beltrão Fleig** - Para situar a questão no seu nascedouro, podemos recorrer ao auxílio de Santo Agostinho<sup>1</sup> em *As confissões*, quando relata o amargo olhar de inveja (*amaru aspectu*) que dirige a um outro bebê que estava sendo amamentado por sua ama. A inveja tem consequências sobre o outro, mas também sobre quem a dirige e pode possuir destinos diferentes, ou se mantém como uma força destrutiva, ou se transforma em desejo, o que é a grande virada. A inveja de ver outro na posição que deveria ser minha é uma das manifestações primeiras que funda a fraternidade. A fraternidade tem sua face violenta que é a rivalidade, e sobre qual Santo Agostinho tanto nos esclarece. Essa

seria uma forma de violência, mas não a única, que é exercida entre iguais, os da mesma geração por exemplo. A violência, penso poder nomeá-la nesses dois sentidos: em direção ao outro e no retorno sobre si próprio, sendo peculiar ao contemporâneo de cada período. Existem outras, mas me detenho na primordial.

### O paradoxo do desejo

Inicialmente, o conceito de desejo e de seus desdobramentos em psicanálise e que está presente ao longo da obra de Freud, diz respeito a uma contradição: o desejo se funda em um paradoxo. Não podemos compará-lo a uma vontade ou a um querer, justamente porque nos escapa. No cotidiano, costumamos dizer que se tem um desejo ou que “eu fiz o que desejava”. Dentro do rigor do conceito, poder-se-ia dizer que se cumpriu uma vontade. Nos casos sobre histeria e nos casos de neurose obsessiva, Freud situa o

desejo de acordo com a estrutura psíquica. Vale a pena ler o famoso sonho descrito por Freud e que Lacan retomou, chamando-o de “O sonho da bela açougueira”. No sonho, ela queria dar um jantar. Aparentemente, estava aí seu desejo, mas, no desdobramento da análise do sonho, o desejo que se apresenta de fato era de que não pudesse dar o jantar. Há, ainda, um outro desdobramento: que o seu desejo de dar o jantar se mantivesse em suspenso, não realizado. No que se refere às crianças, Freud se refere à sua filhinha Ana, que havia sido privada de certos alimentos durante o dia e que, durante o sono, nomeia em sequência algumas frutas, e entre estas insere seu próprio nome, entre as frutas queridas que lhe haviam sido privadas pelo pai. Para concluir, o olhar amargo de inveja é captado, por exemplo, pelos pintores renascentistas. Basta reparar no olhar enviesado que as crianças endereçam para aquele que está no colo. No caso, para o menino Jesus.

<sup>1</sup> Aurélio Agostinho (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Qual é o laço que une desejo e violência nesses grupos? Por que irrompe a violência entre eles?**

**Conceição Beltrão Fleig** - Em uma clínica para crianças e adolescentes de comunidades carentes, na qual recebi muitas crianças e adolescentes não-leitores que apresentavam quadros de violência, encontro a seguinte estrutura discursiva na fala de uma mulher (também com filho não-leitor). Ela diz que pede emprestado para a vizinha o filho pequeno para ir na sinaleira esmolar, e que na volta paga para a mãe um tanto pelo aluguel da criança. Esta mesma mulher, na sequência desta fala, menciona um programa social de nosso governo, onde recebeu a instrução de que ela só terá direito ao dinheiro da Bolsa Família se trouxer o filho na escola. Entendido pela mãe: “Empresta-me teu filho para meus objetivos e receberás dinheiro em troca”. Esta mãe assim considerava a exigência feita pelo Programa Bolsa Família: ela o emprestava, e com isso recebia o dinheiro. Não coloco em questão a validade do Programa, nem a válida pressão feita aos pais para que estas crianças fiquem na escola e alimentadas, ao invés de estarem nas ruas, o básico do básico em situação de tanta penúria. O que coloco em questão é o discurso, o mesmo em relação à posição da criança como não-sujeito. Morte em vida! Nos trabalhos sobre hiperviolência associada à impossibilidade de aprender a ler, nos deparamos justamente com a angústia frente à morte, que tem como efeito uma posição de violência da criança com relação a si mesma (o machucar-se, o colocar-se em perigo. Já encontrei casos em que a automutilação chegava a ser confundida com maus-tratos por parte de um adulto). Nos adolescentes, a resposta vem sobre o outro, mas também sobre o próprio corpo. Quando nada é suposto à criança, quando não lhe é atribuída vida e tratada como um objeto, ela está privada da segunda vida, a vida simbólica. E não seria isso precisamente estar endereçada à segunda morte? Temos uma importante bibliografia a este respeito nos seminários do Dr. **Jean Bergès**.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Seminários e livros juntamente com Gabriel Balbo: *A atualidade das teorias sexuais infantis, Há um infantil da psicose, O jogo de*

## “O que coloco em questão é o discurso, o mesmo em relação à posição da criança como não-sujeito. Morte em vida!”

**IHU On-Line - Acredita que a delinquência juvenil está ligada a uma violência originária do desejo? Por quê?**

**Conceição Beltrão Fleig** - Estou me perguntando por que falar em violência originária do desejo, e é isto, sim. Quanto ao desejo, não temos saída, no máximo o contornamos por meio dos sintomas, dos atos falhos, dos sonhos ou dos chistes. Uma das facetas é justamente o imperativo de cumpri-lo. E, já que a questão se dirige à delinquência juvenil, cabe retomar as voltas possíveis do sadismo, como, por exemplo, quando este se volta contra si próprio, ou seja, o sadismo da instância do supereu. E, para tal, nos referirmos aos criminosos por sentimento de culpa, cujo crime não gera culpa, mas é a culpa que leva ao crime, este que já seria o segundo crime motivado pela angústia de um crime primeiro, que seria justamente o não cumprimento do mandato superegoico.

### Violência e angústia

Tenho procurado examinar a delinquência sob um outro ângulo, que é justamente o da angústia. Considero que Sade<sup>3</sup> tocou no mais fundo da alma

*posições da mãe e da criança – Ensaio sobre o transitivismo, Psicose, autismo e falha cognitiva na criança.* E de Jean Bergès *O corpo na neurologia e na psicanálise*, todos publicados pela CMC Editora. (Nota da entrevistada)

<sup>3</sup> Donatien Alphonse François de Sade (Marquês de Sade), (1740-1814): aristocrata francês e escritor libertino. Muitas das suas obras foram escritas enquanto estava em um hospício, encarcerado por causa de seus escritos e de seu comportamento. De seu nome surge o termo médico sadismo, que define a perversão sexual de ter prazer na dor física ou moral do parceiro ou parceiros. Foi perseguido tanto pela monarquia (Antigo Regime) como pelos revolucionários vitoriosos de 1789 e depois por Napoleão. (Nota da IHU On-Line)

humana ao falar do princípio da ameaça perpétua: conforme Klossowski,<sup>4</sup> “o mal que pode irromper a cada instante, embora não irrompa jamais. Esta possibilidade do mal que não irrompe jamais, mas que pode irromper a cada instante, é a angústia perpétua de Sade”. A solução para essa angústia seria: “Numa palavra, é preciso fazer reinar o mal de uma vez por todas no mundo, a fim de que ele próprio destrua e que o espírito de Sade encontre afinal a paz”. Talvez aí pudéssemos dizer que, para os personagens de Sade, o mal irrompe. Encontramos aí a angústia pelo mal que não acontece de todo, o que viria a suspender a repetição e que também não se acaba, não se esgota. Temos, então, a ameaça permanente da possibilidade do mal como o motor para a própria execução do sadismo, ou seja, a tentativa de esgotar o mal. E o que significaria esgotar o mal? Por que isso seria preciso? Volto ao ponto que já abordei sobre as crianças e adolescentes jurados de morte por um discurso, por uma formação discursiva contemporânea, uma jura de morte que não se esgota.

**IHU On-Line - O que podemos entender por “função paterna”, recuperando um conceito de Frege? E qual é a importância da função paterna na humanização da criança (sua entrada na linguagem e socialização)?**

**Conceição Beltrão Fleig** - Tomemos inicialmente a questão visceral: o filho vem das entranhas da mãe, é parte dela, não lhe é um estranho (salvo nos casos de psicose materna em que o corpo do filho é tido e visto como um objeto perseguidor. A consequência destas alucinações povoou a unidade do antigo manicômio judiciário, com mães que haviam matado seus bebês). Entre ambos, não há nenhuma separação inicial. É um terceiro que vem solicitar algo a um ou a outro e, desta forma, separa (aí temos uma função que nem sempre é exercida pelo pai biológico, mas a atenção à função precisa ser exercida por alguém de carne e osso, e não serve para este fim o trabalho da mãe, ou similares). Se nos detemos

<sup>4</sup> Pierre Klossowski (1905-2001): escritor francês, tradutor e artista. (Nota da IHU On-Line)

mais especificamente no pai, que é o caso clássico, para ele o filho é um estranho. Ele precisa adotar a criança, e assim é sempre um pai adotivo nos dois sentidos. Ele adota o filho daquela mulher, mas sob a condição de ser adotado como pai pela mulher para seu filho (dela) e a mãe transmite isto à criança. Parece complicado? Pode ser sutil, mas tem muito homem que nunca foi adotado como pai. Para a mãe, o filho nunca é ele (pronome pessoal). A relação se dá no eu-tu. É o pai que introduz o “ele” – ele, o filho, ela, a criança. A função paterna introduz a terceira pessoa, ele não é eu, nem tu – é outro. Em casos de psicose, nos quais falha a entrada do terceiro, falha a função e se mantém a unidade eu-tu. Podemos ouvir a criança se referir a si mesma como ele/ela. Ou, então, a fulana (quando se refere a si mesma, ausência do eu). Este ele/ela ao se referir a si é uma forma de introduzir de alguma forma um outro na relação com a mãe.

**IHU On-Line - Nesse sentido, como o declínio da autoridade paterna, a sua dilapidação, pode ser relacionado à violência juvenil?**

**Conceição Beltrão Fleig** - Não me ariscaria a estabelecer uma relação de causa e efeito tão estreita. Talvez o futuro venha a comprovar esta relação, mas considero que no momento não podemos dizer. Tenho observado que a autoridade paterna vem se transformando em algo similar com uma corrida de revezamento. Para ilustrar, conto rapidamente o cotidiano de um menininho de cinco anos, alegre, que tem seus amiguinhos, é muito amado pela família, brinca, passeia, fala com riqueza de vocabulário, é amável. No final de semana, ele vai para a casa do pai e é recebido por este, pela madrasta e o recém-nascido maninho. No domingo, a mãe e o padrasto passam para buscá-lo, e entre o portão da casa e o carro é “passado o bastão”. A mãe viaja e lá vai ele para a casa dos avós. Novamente é “passado o bastão”. Todos são educados, convivem bem, dizem estar vivendo esta nova experiência muito bem. O avô organi-

**“Estou me perguntando por que falar em violência originária do desejo, e é isto, sim. Quanto ao desejo, não temos saída, no máximo o contornamos por meio dos sintomas, dos atos falhos, dos sonhos ou dos chistes”**

za viagem com o menino e nem soubra de perguntar aos pais se pode, ou não. O avô está inteiramente autorizado, é só uma questão de organização. O menininho já aprendeu a arte do bom viver. Da casa do pai ou da casa da mãe, nada conta quando está na outra casa. É extremamente discreto, muito sábio. Mas a avó ouve nele “um suspiro sentido” e se pergunta sobre o que se passa na cabeça do netinho. Vejam que a autoridade paterna se dilui, a mãe é um centro de referência, mas no que concerne à administração dos tempos e dos movimentos no cotidiano. Nova organização familiar? Sim. Autoridade paterna? Existe, mas partilhada, administrada e ninguém parece estar incomodado. É muito similar a várias outras crianças que têm mais de uma casa, mais de um quarto. No revezamento da autoridade se “passa o bastão”.

**IHU On-Line - Como essa nova economia psíquica pode ser relacionada com a nova economia mundializada?**

**Conceição Beltrão Fleig** - Andam de braços dados e será uma das questões prementes discutidas no Colóquio promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, Escola de Estudos Psicanalíticos, Association Lacanienne Internationale e a Fundação do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Lacan introduziu quatro discursos possíveis, o do amo, o da histeria, o

do analista e o chamado discurso do capitalista. Creio que seja com estes quatro que vamos nos haver no Colóquio no que consiste a ética da psicanálise. A mundialização é uma das consequências e já sofremos disto em nosso cotidiano, mas, como esta não é minha seara, vou à sua incidência na clínica. Volto ao menino saudável, que pertence a uma família acolhedora, mas cujo único senão é “o suspiro sentido” que a avó atenta e transitivevista<sup>5</sup> interpreta quando o ouve “suspirar fundo”. O menino, como tantas outras crianças, é um migrante, dentro do conceito de um ir e voltar. Ele migra semanalmente para novas casas. Qual é seu endereço, qual é seu quarto, qual é seu cachorrinho (tem um no pai, outro nos avós). Os adolescentes migram (mesmo que já em Goethe as viagens formem a juventude) para o estrangeiro no aprendizado de uma nova língua, na busca de aventuras de trabalho, as famílias migram, a trabalho, a estudos. Todos migram via internet, quantas vidas? E quem ainda não está precisa ser incluído! E nestas migrações se dá o enriquecimento de experiências, conhecimento, lazer, novas línguas, novos costumes, uma abertura para habitar o mundo, o que é fascinante. De tudo isto me fica uma pergunta que vem pela clínica. Por que cada vez menos crianças sabem interpretar o que leem e, muito pior, na escrita? Por que se dá a confluência de casos de violência juvenil, e automutilação na infância associados a quadros de angústia em crianças e adolescentes não-leitores? Temos novas formas de escrita? O que se apresenta neste sintoma referente à nossa contemporaneidade em que muitos adolescentes e crianças não conseguem entrar na lógica do escrito, mas são brilhantes com os ícones?

<sup>5</sup> Referência ao conceito trabalhado por Bergès e Balbo no livro *Jogo de posições da mãe e da criança – Ensaio sobre o transitivismo*. Quando o cuidador é capaz de sentir a dor que a criança tem, mas que não a sente. Desta forma, há um trânsito do masoquismo da criança que se machuca e que não sente a dor e da mãe que não sofrendo a dor a sente e desta forma ensina ao filho o que é a dor. (Nota da entrevistada)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana





UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana



# Teologia Pública

## “O Ágape não pode ser vivido independentemente da libido, do eros e da filia”

Para o teólogo Etienne A. Higuét, o cristianismo só terá futuro se afirmar com toda força a prioridade do amor em relação ao institucional

POR PATRICIA FACHIN

“Em todas as dimensões do amor, podemos ter a experiência do amor divino. De modo privilegiado, nas relações interpessoais”, assegura o teólogo Etienne A. Higuét, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas com a tese *Eschatologie et théologie de l'action. Lecture critique de la Théologie Systématique de Paul Tillich*, Higuét apresenta um panorama do pensamento e da obra do teólogo alemão Paul Tillich. “Seu pensamento se opõe ao racionalismo, especialmente à valorização unilateral da razão técnica e instrumental”, afirma. E explica: “Ao contrário, ele preconiza uma concepção ‘ontológica’ e ‘extática’ (ou espiritual) da razão”. Segundo Higuét, essa compreensão garante “uma unidade da racionalidade e da espiritualidade”. Na entrevista a seguir, ele é enfático e diz que a graça e a revelação não produzem uma estrutura diferente do ser humano para possibilitar a experiência religiosa. “Elas dão um novo sentido à vida e à ação humanas. É sempre o ser humano, criatura alienada e salva ao mesmo tempo, que experimenta o amor.”

Higuét é licenciado em Filosofia e doutor em Ciências Teológicas e Religiosas, pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Atualmente, é professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, membro do corpo editorial da publicação *Estudos de Religião*, do *Correlatio* e da *Via Teológica*. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual são as contribuições, relevância do pensamento de Paul Tillich e suas limitações para nosso contexto?**

**Etienne A. Higuét** - Tillich elaborou o seu pensamento em relação existencial com a situação cultural (econômica, política, científica, ética, artística, religiosa, filosófica e teológica) da época e do contexto no qual vivia. Conheceu de perto dois mundos culturais diferentes: Europa e Estados Unidos. Esteve em contato com os principais movimentos sociais e as principais correntes de pensamento do seu tempo, incorporando as interrogações e as respostas de boa parte deles à sua própria reflexão. Atravessou de modo comprometido um dos períodos mais conturbados da história: duas grandes guerras, revoluções, crises

econômicas e de civilização. Conheceu também um grande número dos pensadores mais originais do século XX, como Heidegger, Bloch, Horkheimer, Adorno, Fromm, Rogers, Eliade, Barth. Foi socialista e pioneiro do movimento ecumênico. Ele mesmo se apresentou como um pensador “na fronteira”, sempre desejoso de falar a linguagem do outro, em particular do homem da modernidade. Enraizado nas preocupações humanas essenciais, passou a maior parte do seu tempo à procura do sentido incondicionado, da preocupação última presente em todas as produções culturais. Muita coisa do pensamento dele continua atual, mas o mais importante é a atitude de abertura e de busca que ele manteve a vida toda.

A distância temporal e cultural com

o nosso contexto constitui certamente uma grande limitação, mas isso seria verdadeiro de qualquer pensador do passado e mesmo do presente. O seu horizonte sempre foi a Europa central, especialmente a Alemanha, com a sua tradição filosófica e teológica. Seu interesse se voltou sempre de preferência para a cultura erudita, e muito menos para a cultura (e a religião) popular. A sua reflexão estrutura-se ainda em esquemas clássicos, por exemplo, ontológicos. São apenas alguns exemplos.

**IHU On-Line - Em que medida as diversas facetas do pensamento de Paul Tillich nos fazem repensar os múltiplos aspectos da religião?**

**Etienne A. Higuét** - A sistematização teológica de Tillich – um esforço que o

acompanhou a vida toda – o faz abordar a religião cristã (contrariamente a Barth, Tillich considera o cristianismo como uma religião) e as outras religiões na perspectiva da sua relação com o sagrado ou incondicionado. O fato de que todas as religiões estejam de algum modo em relação com o incondicionado possibilita o encontro e o diálogo entre elas. Mas, em razão da sua ambiguidade fundamental, elas sempre enfrentam o risco de perder a sua função de veículo simbólico do incondicionado, seja pela identificação das suas formas com o próprio incondicionado (idolatria), seja pelo esvaziamento do seu sentido religioso (profanização). Há também o caso das quase-religiões, como o fascismo, o comunismo e o humanismo, que são perversões da religião, seguindo os mesmos critérios. Por outro lado, o conceito de religião no sentido amplo permite discernir a manifestação do incondicionado na imanência da cultura, que transparece através da multiplicidade das formas culturais, mesmo não explicitamente religiosas. Assim, a religião está na política, na ciência, na moral, na arte, na educação etc.

**IHU On-Line - É possível estabelecer um paralelo entre o pensamento de Paul Tillich e a Teologia da Libertação a respeito da tensão entre racionalidade e espiritualidade?**

**Etienne A. Higuete** - Vários paralelos poderiam ser estabelecidos com a Teologia da Libertação: proximidade com o movimento socialista, uso do instrumental marxista, denúncia da alienação no mundo industrial e técnico, baseado na racionalidade instrumental objetivante, relação dialética teoria-práxis, espírito da utopia e consciência do Kairos. Seu pensamento se opõe ao racionalismo, especialmente à valorização unilateral da razão técnica e instrumental. Ao contrário, ele preconiza uma concepção “ontológica” e “extática” (ou espiritual) da razão. Pode, assim, haver uma unidade da racionalidade e da espiritualidade. Pois, espiritualidade não significa irracionalidade, mas elevação da razão além de si mesma. Nesse contexto, a experiência e a dimensão religiosa de toda experiência ocupam um lugar central.

**IHU On-Line - Paul Tillich e Juan Luis Segundo entendem “fé” como estrutura e dimensão antropológica parcialmente acessível a uma intuição e uma sistematização “racionalis”. Para o senhor, a experiência de amor de Deus é própria da dimensão antropológica?**

**Etienne A. Higuete** - Tratando-se da fé, evitaria o termo de “estrutura”, excessivamente objetivante. Não vejo a possibilidade de existir alguma experiência – nem a experiência do amor de Deus – fora da dimensão antropológica. A graça e a revelação não produzem uma estrutura diferente do ser humano para possibilitar a experiência religiosa. Elas dão um novo sentido à vida e à ação humanas. É sempre o ser humano, criatura alienada e salva ao mesmo tempo, que experimenta o amor. O Ágape não pode ser vivido independentemente da *libido*, do *eros* e da *filia*, mas abre o

**“O cristianismo só terá futuro se afirmar com toda força a prioridade do amor em relação ao institucional”**

amor em todas as suas dimensões à experiência do divino.

**IHU On-Line - As pessoas que se dizem sem religião vivem uma experiência de amor de Deus sem sistematizar, ou verbalizar?**

**Etienne A. Higuete** - De fato, a experiência vem sempre antes da sistematização. Eu deixaria em aberto a questão da verbalização, que é diferente. Acho difícil pensar uma experiência humana sem linguagem. Nem todo mundo reflete de modo sistemático sobre a própria experiência, apenas alguns o fazem. O caso da experiência do amor de Deus não é diferente. Por outro lado, a verbalização e a sistematização não usam necessariamente os termos das religiões e teologias estabelecidas. Também, há muitas maneiras diferentes de entender a ideia (cristã) de “amor de Deus”. Além disso,

é preciso distinguir, no caso das pessoas que se dizem “sem religião”, entre aquelas que rejeitam as religiões institucionais e aquelas que rejeitam qualquer forma religiosa. Podemos interpretar, a partir da nossa compreensão do divino, determinadas expressões do amor humano como expressões do amor de Deus, mas não podemos impor a nossa visão aos ateus e agnósticos.

**IHU On-Line - A noção de transcendência precisa ser repensada para nosso contexto plural e complexo? Que brechas hermenêuticas são necessárias ensaiar?**

**Etienne A. Higuete** - Se a transcendência for entendida como pura exterioridade, ela precisa certamente ser repensada. Seria melhor falar, com diversos teólogos atuais, em “transcendência imanente”. A transcendência é uma dimensão da imanência e só pode ser entendida a partir dela, como um prolongamento e um além das nossas ações e representações, mas sem prescindir das mesmas. A compreensão da dimensão de autotranscendência do ser humano pode ser um caminho para entender a transcendência divina ou incondicionada. A experiência da gratuidade no amor e na solidariedade pode ser outro. Do mesmo modo, a busca de um sentido radical para a nossa existência ou a luta pela igualdade e a justiça. Vale lembrar que não podemos excluir, como acesso à transcendência assim entendida, nenhuma forma religiosa ou cultural.

**IHU On-Line - Tillich costumava dizer que Jesus é o centro da história, do universo e de nossas vidas. Para o senhor, Cristo ainda ocupa esse lugar central nos dias atuais?**

**Etienne A. Higuete** - Alguns anos atrás, eu teria respondido “sim” sem hesitação. Agora, parece-me que, para assumir uma posição consequente de pluralismo religioso, e para levar em conta o círculo hermenêutico, precisamos matizar esta afirmação. Ela só pode ter sentido dentro de uma determinada constelação religiosa e hermenêutica, precisamente dentro da constelação cristã. Trata-se de uma interpretação que depende de uma opção explícita

pela fé cristã, assim como ela foi formulada na época dos grandes concílios (séculos IV e V) e, sobretudo, sob a influência das filosofias modernas da história. Estas filosofias – como a ideia burguesa do progresso indefinido e a visão marxista de um fim positivo da história – são hoje objeto de questionamento. Será que a história possui um centro? Apenas numa determinada visão cultural e religiosa, além do mais especificamente ocidental. Esta visão foi, durante muito tempo, abusivamente apresentada como universal. Acho que precisamos rejeitar agora toda concepção metafísica da história. Isso não impede que alguém (ou uma comunidade) continue dizendo que Jesus – ou o Cristo – é o centro existencial da sua vida (seria longo demais introduzir aqui a distinção entre o Jesus histórico e o Cristo da fé).

**IHU On-Line - No amor humano não se encontra o amor Divino? Existem fronteiras definidas entre o amor Divino e humano?**

**Etienne A. Higuete** - Para responder à sua pergunta, é preciso, em primeiro lugar, reconhecer que o conceito de amor é polissêmico. Distingui, acima, as quatro dimensões do amor humano, a partir de Tillich: libido (amor sexual), eros (desejo), filia (amizade, amor entre pessoas) e ágape (amor incondicionado). O amor autêntico inclui sempre as quatro dimensões. Poderíamos introduzir outras. Por exemplo, para Tillich, eros é também uma força cósmica, que tende a unificar a realidade no seu fundamento divino. Em todas as dimensões do amor, podemos ter a experiência do amor divino. De modo privilegiado, nas relações interpessoais. O encontro com o divino exige evidentemente a fé como atitude de abertura ao incondicionado, como *Ultimate concern*. Se for preciso falar em fronteira, não seria no sentido de uma linha de demarcação absoluta entre um “sim” e um “não”, mas como passagem constante a uma dimensão mais abrangente.

**IHU On-Line - Vattimo aposta que o ponto central do cristianismo é o amor. Qual é a sua compreensão em**

**relação a contribuição de Vattimo num cristianismo pós-moderno?**

**Etienne A. Higuete** - É impossível não concordar com ele neste sentido. Para responder à pergunta, é preciso lembrar algumas das ideias de Vattimo. Ele entende o amor como *caritas* no sentido paulino de amor cristão (I cor 13) em resposta ao amor de um Deus enfraquecido, esvaziado de si mesmo (Fil 2). Em particular, o amor justifica a relatividade da verdade, agora suscetível de múltiplas interpretações. O amor não permite que seja imposta uma determinada interpretação da ética ou do dever. A caridade está aberta à multiplicidade, ao diálogo,

**“O cristianismo não pode ser reduzido a uma ética. Ele pode também responder aos anseios de mística e espiritualidade muito presentes no tempo atual, sem dissociá-los da prática”**

ao outro. Ela nos leva à aceitação das diferenças. A única medida do amor é amar sem medida.

Vattimo traz uma visão não metafísica da ética, a visão de uma ética da não-violência e do diálogo. Para ele, a caridade é o sentido último do cristianismo e o único objetivo da revelação. É um chamado para a prática, que só tem sentido quando relacionado com situações concretas e cotidianas.

Concordo com Vattimo: o cristianismo só terá futuro se afirmar com toda força a prioridade do amor em relação ao institucional. É preciso que este amor se concretize, em particular nas situações de injustiça e opressão, de miséria material e moral. Não se pode esquecer a sua dimensão política. Contudo, acho que o cristianismo

não pode ser reduzido a uma ética. Ele pode também responder aos anseios de mística e espiritualidade muito presentes no tempo atual, sem dissociá-los da prática. Ele pode também atender às necessidades de saúde, cura e sentido radical, para as quais a ciência nunca encontrará soluções. Porém, em nenhum momento, o cristianismo pode reclamar para si a exclusividade.

**IHU On-Line - Em que sentido a Teologia Feminista pode ajudar na superação das categorias metafísicas abstratas e no tratamento mais decidido e mais concerto de todas as dimensões de amor?**

**Etienne A. Higuete** - Não me atreveria a falar da teologia feminista em geral. No artigo que foi publicado em *A forma da religião*, fiz uma incursão na teologia feminista em relação com a reflexão de Tillich sobre o erótico. Pareceu-me, de fato, que, na reflexão de algumas teólogas feministas, havia uma abordagem mais concreta e mais integrada do amor em todas as suas dimensões. As mulheres podem certamente fazer valer a sua experiência própria do amor erótico (altruísta, afetivo e sexual), experiência sistematicamente sufocada e reprimida nos contextos patriarcais. Nesse sentido, estava e ainda está faltando algo importante no pensamento filosófico e teológico predominantemente masculino. Não há dúvidas que o pensamento feminista ajudou a derrubar os fundamentos metafísicos da universalização ideológica do masculino, em particular da suas pretensas raízes divinas ou naturais. Para a teologia feminista, a força de Eros, como poderosa energia criativa encontrada na experiência concreta das mulheres, desempenha também um papel crítico e transformador nas lutas éticas e sociopolíticas contra o poder patriarcal. A referência constante à afirmação da diferença baseada na experiência dos comportamentos concretos (na sexualidade, na sociedade, na economia, no trabalho) traz um conhecimento do ser humano mais fiel à realidade vivida. Enriquece também o acesso à dimensão sagrada ou transcendente da existência humana.

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) de 16-06-2009 a 20-06-2009.**

### Sociedade das possibilidades

Entrevista com Celso Candido de Azambuja

Confira nas Notícias do Dia 16-06-2009

O filósofo e doutor em Psicologia aborda, nesta entrevista, quais tecnologias estão transformando a forma como o mundo funciona e como as pessoas se relacionam.

**Mutirão da Comunicação: discutir a comunicação a partir da cultura solidária**

Entrevista com Marcelino Sivinski

Confira nas Notícias do Dia 17-06-2009

O coordenador geral do Mutirão da Comunicação, que acontece de 12 a 17 de julho, na PUCRS, explica como o evento irá ocorrer e qual a importância dele para o debate da comunicação na América Latina e Caribe.

**A crise sistêmica do sistema capitalista**

Entrevista com François Sabado

Confira nas Notícias do Dia 18-06-2009

O principal dirigente do Novo Partido Anticapitalista (NPA) esteve no Brasil e conversou sobre a crise do capitalismo, a crise financeira e a crise ambiental e como surge, neste contexto, o partido que ajudou a fundar na França.

**“A MP 458 premia a grilagem, o banditismo e a violência”**

Entrevista com João Paulo Capobianco

Confira nas Notícias do Dia 20-06-2009

Para o ex-secretário do Ministério do Meio Ambiente, a Medida Provisória 458 praticamente dá o título ao pequeno, mas também ao grileiro. E vai além: dá o título a empresas, a pessoas que têm mais de uma propriedade. Premia a grilagem, o banditismo e a violência contra as comunidades locais.

Leia as Notícias  
do Dia em  
[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista





UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista



## Eventos da Semana

### A novidade de Charles Darwin

Em preparação ao Simpósio Internacional Ecos de Darwin, que ocorrerá de 9 a 12 de setembro de 2009, na Unisinos, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promove o evento A novidade de Charles Darwin. A segunda etapa acontece no próximo dia 23 de junho, terça-feira, quando a Profa. Dra. Anna Carolina Krebs Pereira Regner, da Unisinos, falará a partir do tema “A origem da *Origem das espécies*”. Ela também é responsável pela terceira etapa do evento, a ser realizada no dia 30 de junho, quando o tema será “A origem das espécies: estrutura de ‘um longo argumento’”. Ambos os encontros acontecem na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h.

Em entrevista concedida à IHU On-Line no mês de março deste ano, a professora Anna Carolina considera que certamente não somos mais os mesmos após o legado de Charles Darwin. “Somos melhores”, acredita ela, que será uma das conferencistas do IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. Para a pesquisadora, especialista em Darwin, a grande contribuição desse cientista “à questão da origem das espécies foi o mecanismo de sua teoria da seleção natural, pela qual se dá a produção de espécies novas”.



vas e ‘mais aperfeiçoadas’ formas orgânicas”. A respeito da querela criacionismo versus teoria da evolução, Regner explica que “o criacionismo contra o qual Darwin claramente se coloca tem um sentido bem técnico: trata-se da visão de que cada espécie seja fruto de um ato especial de criação”. De acordo com ela, não há incompatibilidade entre a teoria darwiniana e a existência de um Criador ou Deus. Ambas podem ser compatíveis.

A íntegra da entrevista está disponível em [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20440](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20440)

Para obter mais informações sobre o evento, acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

### Desejo e violência

Na próxima quinta-feira, dia 25 de junho, o evento IHU Ideias, promovido semanalmente pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, terá à frente a Profa. Dra. Rosane de Abreu e Silva, da Fundação Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul. O tema a ser apresentado por ela será “Desejo e Violência”, que inspirou o tema de capa da presente edição, onde Rosane concedeu uma entrevista exclusiva. Lá, afirmou que “a violência fundamental é aquela a qual todo o ser humano tem de ser submetido para se tornar sujeito”. E que “a violência primária se instaura no ser humano, desde os primeiros tempos de vida, desde o seu nascimento”. Com base na obra de Sigmund Freud, a professora explica que a violência é fundadora da civilização, determinante de



nossa subjetividade. Por outro lado, a violência exacerbada é a experiência do excesso, quando “o sujeito se encontra abandonado as suas próprias pulsões. Não se trata mais, então, da violência primária ou fundamental, mas sim de um movimento contrário”. E completa: “A violência exacerbada é o que silencia a dor que não encontrou na palavra, o seu apaziguamento”. Rosane detecta, ainda, uma relação entre a violência juvenil, tema na qual é especialista, e o declínio da função paterna. Mas alerta: “Não é mais suficiente fazermos esta relação para pensarmos sobre a violência juvenil. O declínio da função paterna é uma teoria que não dá mais conta da questão da delinquência”.

A palestra “Desejo e violência” tem entrada franca, acontece na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h, e é um evento preparatório ao Colóquio A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir?], que se realiza na Unisinos no próximo mês de agosto de 2009.

Acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) para saber mais sobre a atividade.

## Darwin revolucionou nossa visão cósmica

Poucas pessoas na história da humanidade revolucionaram nossa visão cósmica. “Darwin foi uma delas”, assegura o pesquisador Francisco Mauro Salzano. A partir do pensamento do cientista britânico, nos demos conta de que não somos espécie única

POR MÁRCIA JUNGES

“**A**o invés de sermos uma espécie única, somos apenas uma entre milhões de outras.” A afirmação é de Francisco Mauro Salzano, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. De acordo com ele, “a visão do mundo na Idade Média não podia ser mais monótona. O mundo teria sido criado por uma entidade divina em uma versão fixa, e as condições atuais seriam exatamente as mesmas do início. Com Darwin, ficou claro que a natureza não foi criada para nos servir, e que somos apenas um elo na grande irmandade do mundo biológico”. E completa: “Na história da humanidade, são poucas as pessoas cujo pensamento revolucionou nossa visão cósmica. Darwin foi uma delas”. Salzano é palestrante em 16-06-2009, no Pré-Evento ao Simpósio Internacional Ecos de Darwin, com o tema A evolução como uma visão revolucionária do mundo. A atividade inicia às 17h30min, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. O Simpósio Internacional Ecos de Darwin está marcado de 9 a 12 de setembro de 2009. A programação completa pode ser conferida no sítio do IHU: [http://www.unisinos.br/\\_ihu/index.php?option=com\\_eventos&Itemid=19&task=detalhe&id=127](http://www.unisinos.br/_ihu/index.php?option=com_eventos&Itemid=19&task=detalhe&id=127).

Graduado em História Natural pela UFRGS, é especialista em Genética pela Universidade de São Paulo (USP) e em Genética e Biologia Molecular, pela UFRGS. Doutorou-se em Biologia Genética, pela USP, com a tese *O problema das espécies crípticas – Estudos no subgrupo Bocainensis (Drosophila)*. É pós-doutor pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos e livre-docente pela UFRGS. Autor de mais de 200 artigos científicos, escreveu as obras *Biologia, cultura e evolução* (2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993), *Evolução do mundo e do homem: liberdade ou organização?* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995) e *DNA, e eu com isso?* (São Paulo: Oficina de Textos, 2005). Confira a entrevista, publicada novamente esta semana em função de um trecho ausente na edição de semana passada.

**IHU On-Line - Qual foi a principal novidade trazida por Darwin em *A origem das espécies*?**

**Francisco Mauro Salzano** - Foi o livro de Darwin que colocou em firmes bases científicas o estudo da evolução, dando ênfase à seleção natural como seu principal fator determinante. As obras anteriores sobre evolução não eram satisfatórias porque se limitavam a análises gerais, sem embasamento experimental.

**IHU On-Line - Sob quais aspectos essa obra lança um novo paradigma de ciência?**

**Francisco Mauro Salzano** - Tem-se dito que o mundo nunca mais seria o mesmo após a publicação de *A origem das espécies*. O livro possibilitou completar o trabalho de Nicolau Copérnico (1473-1543) de deslocamento de nossa espécie tanto do centro do universo (Copér-

nico) quanto do centro dos organismos vivos (Darwin). Ao invés de sermos uma espécie única, somos apenas uma entre milhões de outras.

**IHU On-Line - Por que a evolução pode ser compreendida como uma visão revolucionária de mundo?**

**Francisco Mauro Salzano** - A visão do mundo na Idade Média não podia ser mais monótona. O mundo teria sido criado por uma entidade divina em uma versão fixa, e as condições atuais seriam exatamente as mesmas do início. Com Darwin, ficou claro que a natureza não foi criada para nos servir, e que somos apenas um elo na grande irmandade do mundo biológico.

**IHU On-Line - Que aspectos de *A origem* continuam atuais e quais já foram superados?**

**Francisco Mauro Salzano** - O fator principal que orquestra todo o processo de evolução orgânica continua reconhecido como sendo a seleção natural. Outros aspectos, como o alvo principal de sua ação [se é o organismo, como postulou Darwin, se é a unidade da herança (o gene), ou toda uma população], é um problema ainda em discussão. Darwin também supunha que as mudanças evolucionárias eram geralmente pequenas e graduais, enquanto alguns pesquisadores atualmente questionam esta visão, sugerindo mudanças drásticas em alguns casos de alterações fundamentais de estrutura.

**IHU On-Line - O neodarwinismo capta a originariedade do darwinismo? Por quê?**

**Francisco Mauro Salzano** - A essência

do darwinismo, a evolução através principalmente da seleção natural, continua onipresente.

**IHU On-Line - Qual é a relação entre Darwin e a revolução molecular?**

**Francisco Mauro Salzano** - A revolução molecular possibilitou o estudo da evolução em níveis até bem pouco tempo inimagináveis. Sugestões da década de 1970 do século passado, desenvolvidas principalmente pelo geneticista japonês Motoo Kimura, de que em nível molecular o processo seria governado basicamente pelo acaso, não foram confirmadas por estudos desenvolvidos desde aquela época.

**IHU On-Line - E qual é a importância do legado darwiniano dentro da sua pesquisa acadêmica, como pesquisador?**

**Francisco Mauro Salzano** - Toda a minha pesquisa acadêmica tem se desenvolvido sob a égide do darwinismo.

**IHU On-Line - Qual é o significado de se comemorar o bicentenário do nascimento de Darwin?**

**Francisco Mauro Salzano** - Tendo em vista o que já foi mencionado, tornava-se indispensável comemorar de maneira apropriada o seu nascimento. Na história da humanidade, são poucas as pessoas cujo pensamento revolucionou nossa visão cósmica. Darwin foi uma delas.

#### LEIA MAIS...

>> Confira a programação completa do IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin no link [http://www.unisinos.br/eventos/ecos\\_darwin/](http://www.unisinos.br/eventos/ecos_darwin/), no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

#### BAÚ DA IHU ON-LINE

\* *"Somos melhores depois de Darwin"*

Entrevista especial com Anna Carolina Regner, *Notícias do Dia*, de 17-03-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20440](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20440)

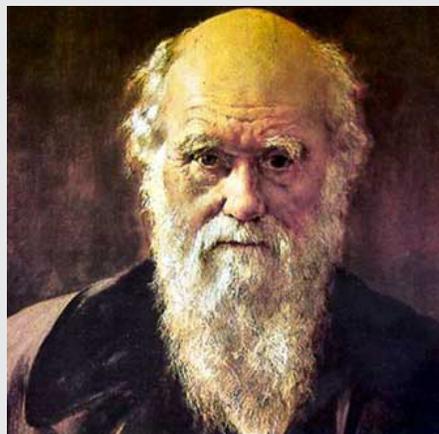
\* *A ciência antes e depois de Darwin*

Entrevista especial com Lillian Al-Chueyr Pereira Martins e Roberto de Andrade Martins, *Notícias do Dia*, de 15-12-2008, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18895](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18895)

\* *A questão das espécies antes de Darwin*

*Notícias do Dia*, de 03-06-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22805](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22805)

\* *Darwin matou Deus?* *Notícias do Dia*, de 17-05-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22330](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22330)



ESTÃO ABERTAS AS  
INSCRIÇÕES PARA  
O IX SIMPÓSIO  
INTERNACIONAL IHU:  
ECOS DE DARWIN, QUE  
ACONTECE DE 9 A 12  
DE SETEMBRO. FAÇA  
SUA INSCRIÇÃO AGORA:  
[WWW.UNISINOS.BR/](http://WWW.UNISINOS.BR/)  
IHU.

## IHU Repórter

## Victor Hugo Valiati

POR PATRICIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

**D**edicado ao mundo da Ciência e defensor da teoria da Evolução, o coordenador do Laboratório de Biologia Molecular da Unisinos, Victor Hugo Valiati, contou um pouco da sua história à **IHU On-Line**. Biólogo por formação, ele dedica parte de seu tempo livre aos nove animais de estimação, além de alimentar outros dez gatos adotivos e também demonstra bastante apreço ao time do coração, o Grêmio. Confira.

**Origens** - Nasci em Barracão, no Paraná. Morei lá até completar um ano de vida, depois minha família foi morar em Curitiba, e em seguida nos mudamos para o Rio Grande do Sul. Passei parte da minha infância e adolescência em Palmeira das Missões. Quando estava cursando o Segundo Grau, fui morar em Passo Fundo, onde terminei os estudos. Tenho quatro irmãos: dois moram em Palmeira das Missões com meus pais, um vive em Curitiba e outro no Rio de Janeiro. Nos encontrávamos com regularidade no final do ano, mas agora tem sido mais difícil.

**Família** - Casei muito cedo, em 1986. Minha esposa, Ivanda Grapiglia Valiati, e eu cursamos a faculdade casados e com uma filha, Verônica Grapiglia Valiati. Eu estudava Biologia e ela fazia Direito, sonhando em ser arquiteta. Hoje, faz incursões de arquitetura em casa.

Nos formamos juntos e ingressei no mestrado. Em seguida, nasceu nossa filha. Nessa época, minha esposa fazia estágio com um advogado em Sarandi, e eu me mudei para Porto Alegre, alugando um apartamento. Posteriormente, ela veio morar comigo, estudou na Escola do Ministério Público, fez a prova para ser promotora e foi aprovada para trabalhar no Alto Uruguai. Eu fiquei na capital com nossa filha. De manhã, a levava para a escolinha. Nos finais de semana, ela ficava comigo no

laboratório da universidade e também me acompanhava com amigos em alguns bares que frequentávamos em Porto Alegre. Esse foi um tempo interessante de convívio e na formação de fortes relações entre pai e filha. Minha esposa vinha nos visitar a cada 15 dias. Depois, ela conseguiu transferência para o município de Campo Bom, e moramos lá desde 1993.

Há seis anos, a minha filha se deslocou de casa, foi para Porto Alegre e está se formando em Engenharia Civil.

**Estudos** - Por influência de alguns professores, decidi cursar Biologia em Passo Fundo. Em seguida, me transferi para Santa Maria, onde terminei minha graduação. No final da faculdade, por influência de dois palestrantes que estiveram na Universidade Federal de Santa Maria, hoje meus amigos — os professores Aldo Mellender de Araújo e Francisco Salzano, do Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) —, fiz carreira na área de Genética. Já vinha me fascinando pela questão da Evolução. Não conseguia ver a natureza como uma simples descrição fixa. Fiz meu mestrado inicialmente no Programa de Pós-Graduação em Genética, que depois passou a ser Genética e Biologia Molecular; em seguida, comecei o doutorado. Nesse período, iniciei a carreira de professor universitário, lecionando no curso de Veterinária da

Ulbra. Defendi o doutorado em 10 de dezembro de 1999 e, antes do Natal, recebi uma proposta para trabalhar na Unisinos. Em 2000, vim para a universidade e ao mesmo tempo trabalhava na UFRGS, como professor assistente e também fui contratado novamente pela Ulbra, para lecionar no curso de Biologia. Nessas três instituições, me dediquei as disciplinas de Biologia Evolutiva e Genética de Populações. Em 2005, fui convidado a participar do Programa de Pós-Graduação de Biologia da Unisinos, e passei a me dedicar exclusivamente à universidade. Sou drosofilista por formação, trabalho com o modelo experimental *Drosophila*, desde o início da década de 90 e minha grande incentivadora e mentora intelectual foi a professora Vera Lucia da Silva Valente. Atualmente, também desenvolvo trabalhos com pequenos mamíferos, elementos transponíveis que habitam os genomas e micro-organismos, em especial bactérias. Além disso, projetos com peixes, no qual utilizamos marcadores moleculares (genéticos) com o intuito de avaliar o impacto da construção de hidrelétricas na preservação das espécies. De maneira geral, os aspectos e as perguntas de meu trabalho estão relacionados à evolução: Como surgiram essas espécies? Como elas se distribuíram?

**Carreira** - Nunca pensei em ser professor. Quando era adolescente,





>> PROF. VÍCTOR COM A FAMÍLIA

trabalhei no supermercado do meu avô. Assinei minha carteira de trabalho com 14 anos. Antes de atuar na universidade, lecionei em cursos pré-vestibulares. Basicamente, vi na Biologia e na Genética o ponto mais próximo para discutir alguns assuntos da vida como a evolução. Então, imaginava que o meu perfil era muito mais de pesquisador do que professor. Entretanto, consegui me encontrar nessa área. Muitas vezes, fui escolhido parainfo e professor homenageado, e percebi que estava dando um retorno positivo para essa garotada que está procurando um caminho. Gosto de ensinar, dou espaço para os outros aprenderem. Essa profissão me transformou numa pessoa bem melhor frente à sociedade, porque sempre fui mais recatado.

**Trabalho** - Tenho o hábito de trabalhar todos os dias. Durante um período, levava muitas atividades para concluir em casa. Depois de um tempo, decidi: vou trabalhar todos os dias, mas em casa eu não trabalho mais. Além disso, tenho um problema em relação à conexão da internet em Campo Bom. Então, quando preciso de rapidez, venho para a universidade.

**Lazer** - Gosto de futebol, sou sócio do Grêmio, mas não tenho ido tanto ao estádio por uma grande restrição a bagunça. Há duas semanas, passei a dar aula nas quartas-

feiras à noite, então não posso frequentar os jogos da Copa Libertadores, neste momento, mas o resto da família acompanha. Tenho uma grande restrição à desordem, e, por mais que tentem me convencer que em alguns casos – como num estádio de futebol – ela é interessante, isso ainda me incomoda. Ia bastante ao cinema, duas ou três vezes por semana, mas diminuí o ritmo nos últimos anos. Assisto a filmes durante a madrugada, na televisão. Minha esposa e eu temos algumas coisas em

comum: gostamos de boa cozinha, vinhos. Gosto de cozinhar, mas já foi decretado que faço tanta bagunça que o melhor é ficar longe da cozinha.

**Animais de estimação** - Tenho um número razoável de animais de estimação. Primeiro compramos uma cadelinha, em 2000. Ela foi uma grande companhia, porque, durante as madrugadas de trabalho, ficava comigo. Hoje tenho oito cachorros e uma gata. Na promotória de Campo Bom, minha esposa tem mais três cachorros. Além disso, alimentamos dez gatos no final do dia.

**Sonho** - Muitas das coisas que imaginava fazer, eu fiz. Sempre digo para meus alunos que ninguém vai me tirar do sério, porque sou um cara feliz. Faço o que gosto. Sei das minhas limitações, mas também reconheço a minha capacidade.

Profissionalmente, gostaria de formar cada vez mais alunos e colegas melhores. Tenho vontade de publicar alguns dados que coletei ao longo desses anos e escrever textos com veias mais poéticas do que cartesianas, mas ainda não consegui me organizar para isso.

Pessoalmente, gostaria de dedicar mais tempo à minha família. Não acompanhei tanto o crescimento da minha filha; quem sabe agora posso cuidar dos netos e dar atenção a eles.

**Religião x evolução** - Não tenho crenças e lido bem com isso, porque sou feliz. Me relaciono com a sociedade que tem suas crenças influenciadas pelo cristianismo e a respeito muito. Sou italiano e minha família é muito religiosa, cristã, mas respeito a posição que defendo. Não gosto dos extremistas. Algumas pessoas ficam atormentadas em relação às suas crenças, o que não acontece comigo, porque isso não faz parte do meu dia. O fato de eu não ter crenças não significa que não tenha respeito pelo próximo. Ter crenças não pode impedir que você reconheça o que foi desenvolvido pela Ciência. Não passo todo o dia tentando provar que Deus não existe ou existe. Tento contar outras histórias, sustentadas em observação, comparação, experimentação, análise, síntese e conceitualização para explicar como chegamos até aqui.

**Unisinos** - A Unisinos me ensinou, entre outras coisas, a ter gerenciamento. Essa casa me acolheu muito bem. Quando perguntam por que eu estou sempre aqui, me dedicando tanto à universidade, respondo que a Unisinos me permite fazer tudo isso, me dá liberdade de expressar o que faço e realizo isso de bom grado. O fato de eu estar sempre no câmpus é uma maneira de expressar o quanto a universidade e a profissão que escolhi são importantes para mim.

**IHU** - É admirável o trabalho realizado no Instituto. Tenho grande admiração pelo IHU e sinto não poder acompanhar todas as atividades proporcionadas. O IHU representa a vida dentro da universidade.

**Simpósio Ecos de Darwin** - Faço parte da comissão científica do Simpósio e espero que o público aproveite esse momento extremamente excitante de discussões sobre o quanto a obra de Darwin contribuiu para as diferentes áreas do conhecimento humano. Não será um evento linear, as pessoas vão chegar a resultados e conclusões diferentes. Esse é um evento multidisciplinar. Iremos falar da obra de Darwin com visões amplas.

# Destaques

## Saúde Mental no Brasil

O Seminário Saúde, Redes e Determinantes Sociais terá lugar na Unisinos no próximo dia 03 de julho de 2009, das 14h às 17h30min, na sala 1G119 do IHU. No evento, serão expostos os resultados da pesquisa realizada pelo Núcleo de Pesquisa em Cidadania, Exclusão Social e Processos de Mudança (NUCEM), da UFPE, e pelo PPG em Ciências Sociais da Unisinos, sobre a efetivação dos dispositivos institucionais de Saúde Mental no Brasil. Na ocasião, o Prof. Dr. **Breno Augusto Souto Maior**, do PPG em Sociologia da UFPE, falará sobre as trajetórias de sociabilidades de portadores de transtorno mental, trazendo um estudo empírico com usuários CAPS do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Sul. O evento ainda terá a participação do Prof. Dr. **José Rogério Lopes**, do PPG em Ciências Sociais Unisinos, e dos bolsistas **Carlos Alberto Baum da Silva**, **Everson Rach Vargas** e **Raquel Hack da Rosa**, que farão análises CAPScolas da política de Saúde Mental no Brasil. O evento, uma promoção do IHU e do PPG em Ciências Sociais da Unisinos, é gratuito e aberto à comunidade em geral. Acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) e confira mais informações.

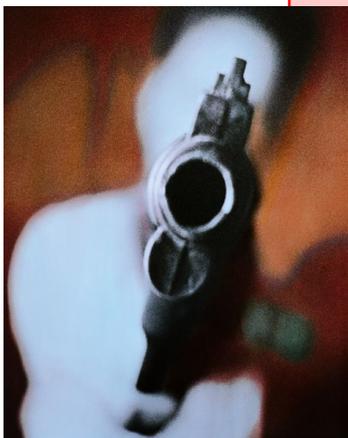


## A novidade de Charles Darwin

Em preparação ao Simpósio Internacional Ecos de Darwin, que ocorrerá de 9 a 12 de setembro de 2009, na Unisinos, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promove o evento A novidade de Charles Darwin. No próximo dia 23 de junho, terça-feira, a Profa. Dra. **Anna Carolina Krebs Pereira Regner**, da Unisinos, proferirá a conferência “A origem da *Origem das espécies*”. No dia 30 de junho, ela abordará o tema “A origem das espécies: estrutura de ‘um longo argumento’”. Ambos os encontros acontecem na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h. Para obter mais informações sobre o evento, acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

## Desejo e violência

Na próxima quinta-feira, dia 25 de junho, a Profa. Dra. **Rosane de Abreu e Silva**, da Fundação Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul, falará sobre o tema “Desejo e Violência”. A palestra é um evento preparatório ao Colóquio A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir?], promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nos dias 14 e 15 de agosto de 2009. Acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) para saber mais sobre a atividade.



Apoio:

